

Caderno de
Literatura
nº 21

© dos autores

Todos os direitos reservados para AJURIS.

Capa e Editoração Eletrônica: Rafael Marczal de Lima

Projeto Gráfico: Jadeditora Editoração Gráfica Ltda.

Impressão: Evangraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C122 Caderno de literatura nº 21. – Porto Alegre: Editora
Evangraf : AJURIS: Praça da Matriz, 2012.
160 p.

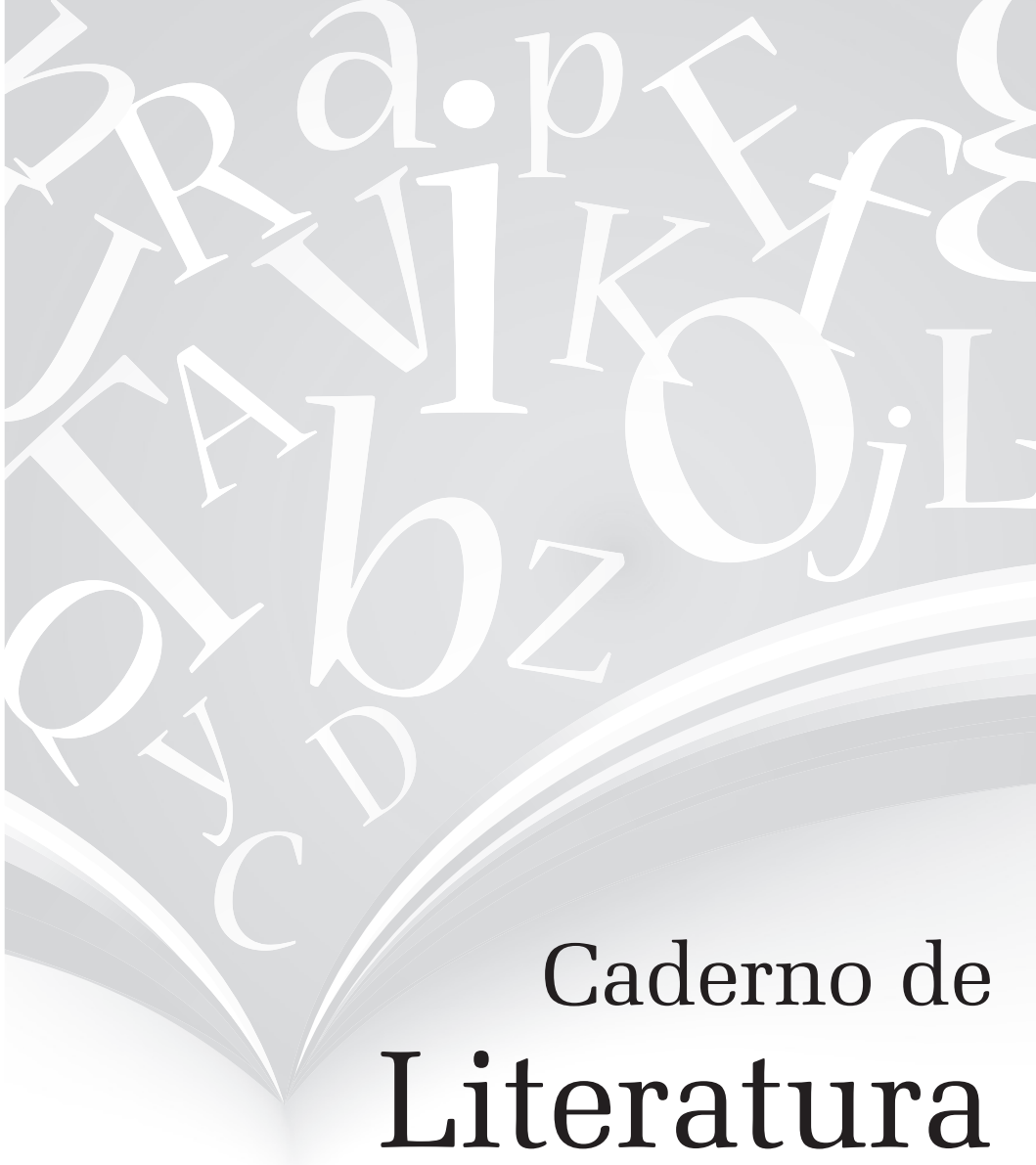
ISBN 978-85-7727-442-0

1. Literatura brasileira - Ficção. 2. Literatura
brasileira - Crônicas. 3. Literatura brasileira - Poesia.

CDU 869.0(81)-3

CDD 869.3

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)



Caderno de
Literatura
nº 21



Porto Alegre | 2012



Praça da Matriz, editora



AJURIS

PALAVRAS

“Escrever é como cuidar de um bonsai, pensei então, e penso agora: escrever é podar os ramos até tornar visível uma forma que já estava ali, escondida; escrever é cercar com arame a linguagem para que as palavras digam, de uma vez, o que queremos dizer; escrever é ler um texto não escrito, tal como observa Marcelo Pellegrini em um poema que naquele tempo constituía, para mim, uma inquietante música de fundo: ‘Para ler o que quero ler / Teria que escrevê-lo / Mas não sei escrevê-lo / Ninguém sabe escrevê-lo’”.
(Alejandro Zambra)

As palavras, que nas sentenças transbordam de mim incontidas, viriam tímidas e escassas se eu tivesse sido incumbida de traduzir em contos, poemas ou crônicas aquilo que vejo, sinto e vivencio. Sorte minha, portanto, ter-me sido delegada, pelos Coordenadores desta edição, apenas a tarefa de apresentá-la.

Algo nada difícil quando, terminada a leitura, renovo minha admiração por esses homens e mulheres que, colocando a si mesmos em cada linha das próximas páginas, conseguem dar vida a lembranças, histórias e aos próprios sentimentos, aqui compartilhados conosco.

Por essa generosidade, pela permissão que cada um nos concede, a seu modo, de olharmos o que lhes vai na alma, e pelo quanto nos acrescentam – pois ao fim somos nós os beneficiados pela necessidade deles de escrever -, agradeço, em nome da AJURIS, a todos esses escritores, iniciantes ou já consagrados, honrada em entregar ao leitor deste 21º Caderno uma obra de excelente qualidade.

Agosto de 2012

Maria Lucia Boutros Buchain Zoch Rodrigues,
Juíza de Direito e Vice-presidente Cultural da AJURIS.

SUMÁRIO

Adair Philippsen

PICLES	12
EM CAUSA PRÓPRIA.....	12
SOB O PLENILÚNIO.....	13
2 X 2	14

Adroaldo Furtado Fabrício

DE RINHAS E OUTRAS LUTAS	16
--------------------------------	----

Afif Jorge Simões Neto

O HOMEM QUE O CIRCO LARGOU PELO CAMINHO.....	20
TANTO SOFRIMENTO POR NADA	22

Alexandre Volkweis

AS COSTAS DO MAR.....	26
-----------------------	----

Antonio Kleber Mathias Netto

INSPIRAÇÃO.....	28
-----------------	----

Antonio Vinicius Amaro da Silveira

O LOBO E A COROA.....	30
-----------------------	----

Athos Gusmão Carneiro

A RETRATAÇÃO	34
O CASO DA ENTREGA DO RAMO	37

Carlos Alberto Bencke

O MELHOR É VIVER, MEU AMIGO!	42
------------------------------------	----

Cassiana Broglio Garbin

AS DALILAS E JUDÍTES DA VIOLÊNCIA COTIDIANA... 46

Claudia Tajes

O MUNDO ENIGMÁTICO 50

COFRINHOS AO LÉU 51

Cyro Púperi

UM MELANCÓLICO POR DO SOL NO GUAÍBA 54

ESPANTO..... 56

Diana Corso

ADULTOS VORAZES 58

O BANHO DE FREIRAS 59

Gabriela Ewald Richinitti

GARIMPEIRO DE ESTRELAS 64

POESIA NASCIDA DO MEIO HOSTIL 65

Genacéia da Silva Alberton

SOLDADINHOS DE PAPEL..... 68

Gladis de Fátima Canelles Piccini

MARIA SÓ..... 72

Humbertho Hartmann Philippsen

VIVÊNCIAS..... 76

VIVÊNCIAS I - DÚVIDA..... 76

VIVÊNCIAS II - ALFORRIA..... 77

VIVÊNCIAS III - INQUIETAÇÃO 78

Jauro Von Gehlen

PENÉLOPE 80

José Carlos Teixeira Giorgis	
A VIAGEM.....	84
José Carlos Laitano	
DE MENOR.....	88
José Nedel	
ESTALO DE VIEIRA.....	92
Juremir Machado da Silva	
O FIM DAS IDEOLOGIAS	94
DISCO VOADOR.....	95
Leonel Pires Ohlweiler	
TRABALHO.....	100
Lilia Maria Vidal Machado	
UM CASO DE VIDA OU MORTE	104
Luiz Antonio de Assis Brasil	
O FIM DO MUNDO	108
Luiz Coronel	
CAMINHÃO DO LIXO	112
GOTEIRA NOS OLHOS.....	113
O DIA DA INAUGURAÇÃO DO MUNDO.....	114
Maria da Soledade S. Damiani	
VIDA.....	118
Martha Medeiros	
A MULHER E O GPS.....	120

Nei Pires Mitidiero

O PETIÇÃO VOADOR 124

Ney Bittencourt Pereira

O NÃO DITO..... 128

A PRINCESA 130

Newton Luís Medeiros Fabrício

A JUSTIÇA, O JUIZ, A LEI, A VIDA 132

Paulo Ferrareze Filho

IRRITOS..... 136

Ricardo Silvestrin

FARAÓS 142

O HOMEM DAS CAVERNAS..... 144

Rosa Maria Weber

PRESSÁGIO 150

INQUIETAÇÃO 151

Rosana Broglio Garbin

DOCE DO MUNDO 154

Túlio Martins

SEJA O SENHOR DA TERRA..... 158



Adair Philippsen

Juiz de Direito jubilado, integrante do Departamento Cultural da AJURIS. Obras mais recentes: *Descanso*. (romance-reportagem), Praça da Matriz Editora, 2012; *Oitenta contos sem desconto* (minicontos), Editora Casa Verde, 2012.

PICLES

EM CAUSA PRÓPRIA

“Angelita, te adoro mais que teu marido.”

Nããão, mas o que é isso, nessa segunda de manhã?

De óculos, a confirmação: “Te adoro mais que teu marido.”

Sorte – de Angelita, óbvio – o bilhete pousar em suas mãos. Quanta bronca, de Tobias, evitada.

Ah, menos mal, menos mal.

E mais este detalhe: o bilhete, entregue na porta do apartamento, serve de rótulo a um cesto de *pout pourri* de flores.

Quem será o admirador secreto? Um ex-colega de faculdade, um vizinho do prédio? Quem? Logo eu, meio santarrona, acomodada, entretanto fiel convicta.

No turbilhão de espanto e interrogações, aninha certo regozijo – o inusitado estilhaça a monótona espera do retorno do marido.

Em seguida, porém, Angelita se livra do regalo e de qualquer vestígio capaz de induzir desconfiança.

Sexta-feira. O marido reencontra a mulher, um tanto apatetada e mais enigmática; no entanto solícita, pouco árida.

Vencido o final de semana e antes de retomar as viagens, Tobias volta à florista. Dessa feita, opta por um buquê de crisântemos.

Anexa cópia do bilhete.

SOB O PLENILÚNIO

(...) trinta e cinco, trinta e seis, quarenta. Opa, os passos da esquina até aqui não fecham. A sonoridade do resmungo associa-se à percepção de falar sozinho, e alto. Urge corrigir o hábito, em franca ascensão. Esqueça isso – segue em seu monólogo.

Palmilha a cidade, justifica-se, para queimar energias, embora nessa invernã, com certa frequência, as pernas teimam em encarangar.

Mais alguns passos, volta a se autoflagrar em solilóquio. Tenho que largar disso, urgente. A lua bem cheinha alumia a cidade, após afugentar, já às ave-marias, a névoa oriunda das bandas do porto; só não consegue amornar as lufadas do álgido vento sulino.

O frio da madrugada hospeda-se nas entranhas e por isso anda encolhido.

Na avenida depara-se com vultos conhecidos, componentes de seu *entourage*. Sem sucesso, tenta vislumbrar Castanha, seu *upgrader* – sabe das últimas e adivinha as próximas. Nessas horas recorda do Castanha quando a turma discutia sobre o sentido da vida e ele sentenciou assim, na bucha: o sentido da vida é andar na contramão.

É, andar na contramão, com o acréscimo de juntar pedras no caminho. Apalpa, a propósito, o bolso da calça; ao toque da mão, sente bem nítido o volume – as duas pedras servirão de multiplicadores aos devaneios no amanhecer.

Apanha os restos do matutino de dias atrás, próximo e providencial.

De relancina, topa com a notícia sobre a deflagração da campanha do agasalho e o convite de doação de peças além do mero descarte dos armários.

O frio acicata o corpo, as mãos tiritam. Recosta-se na parede da loja embaixo da marquise, ao lado de um saco de latinhas recolhidas e destinadas ao escambo por outras pedras. Cobre-se com o jornal. A notícia amorna.

2 X 2

De luxo superior, constata Rosineide quando apresentada por Dona Hanna às instalações do apartamento. O living, amplo e convidativo, ostenta abundante número de objetos decorativos, lareira, grandes estofados e contorno envidraçado, protegido por cortinas motorizadas com controle remoto; isso, acima do reluzente piso de pedra espanhola. A sala de estar converge para dois compartimentos: um de jogos, disposto com enorme televisor em terceira dimensão e home theater; outro com churrasqueira e bem provida adega. Em seguida, a cozinha multifuncional, a despensa e a área de serviço. Beleza e bem-estar estendem-se também ao aposento íntimo do casal, disposto em outra direção, provido de dois closets, banheira de hidromassagem e sauna a vapor. Mais três dormitórios completam o labirinto superior a 500 m², no qual se locomovem patroa e futura empregada. Um deles, reservado à serviçal. Dois por dois, a dimensão – inferior à foto 3 x 4 da carteira de trabalho de Rosineide.



Adroaldo Furtado Fabrício

Desembargador aposentado, ex-Presidente do TJRS,
Professor e Advogado.

DE RINHAS E OUTRAS LUTAS

Leito de enfermo. Tédio e torpor. Uma alma boa trouxe para o quarto e instalou um televisor, mas quase nada posso ver, porque estou sem meus óculos de míope. Enquanto espero a volta do menino que foi buscá-los, tento identificar nas sombras borradas alguma coisa. Também não posso ouvir, porque o som está baixo e minha audição não é muito melhor do que os meus olhos. Enquanto não posso ver nem ouvir, curioso que sou, vou tentando adivinhar.

Percebo claramente que se trata de uma luta violentíssima, aparentemente entre dois animais; as sombras se atacam, se engalfinham e se agridem, ao que parece, com todas as partes do corpo e em todas elas. Penso nas rinhas de galo, daquelas que só terminam com a morte de um dos contendores. Elas são proibidas, mas todos sabemos que continuam a ocorrer por toda parte e que existem criadores e preparadores especializados, um negócio que envolve dinheiro graúdo além das apostas.

Ocorre-me também que se promovem atualmente lutas de cães, não menos selvagens. Filas e pitbuls são também criados e adestrados exclusivamente para o combate, para se despedaçarem até a morte. Mas não consigo identificar nos vagos fantasmas da tela nem bípedes plumados nem a figura do melhor amigo do homem. Pode ser alguma outra espécie; sabe-se lá quantas estarão sendo usadas para deleitar o sadismo visual dos humanos.

Mas, na televisão? Fico a pensar onde andarão aqueles

ardorosos defensores dos animais, as sociedades protetoras, os discípulos de Dona Palmira Gobbi, aquelas almas sensíveis que vão às lágrimas por um cavalo magro espancado entre os varais de uma carroça ou por um cachorrinho de rua que choraminga de fome enquanto lambe suas carachas. Onde estão as senhoras caridosas que promovem campanha do agasalho para bichos? É incrível que nenhum protesto se levante contra a monstruosidade dessa luta irracional destinada a divertir os racionais.

Chega o garoto com os óculos, sujos da sua mão suarenta e desasseada. Trato de limpá-los, falo com o menino enquanto isso, mas ele mal me ouve: está com os olhos vidrados na tela, absorto, siderado pelo espetáculo que ainda não sei qual seja.

Finalmente posso ver a cena. Ora, ora, mas que bobagem a minha! Não são animais propriamente, são seres humanos que se espancam de todas as formas e com todas as forças. Não há que preocupar-se; não são bestas. São homens. Até onde sei, é apenas um esporte, chamado MMA ou algo assim. Como a mídia o exalta aos píncaros e faz de tudo para divulgá-lo e impingi-lo ao público, presumo que seja muito saudável e edificante.

Tranqüilizo-me, então. Inquietei-me por nada. Vou dormir uma sesta.



Afif Jorge Simões Neto

Juiz de Direito no RS. Em 2005, publicou a biografia *Em Nome do Pai*, e, em 2007, *O Cofre* (crônicas). Livro mais recente: *Um pequeno rio não corre para o mar* (crônicas), WS Editor, 2011.

O HOMEM QUE O CIRCO LARGOU PELO CAMINHO

Quando o Circo Irmãos Almeida se despediu da cidade, abandonou em frente à pracinha do hospital o João Amâncio. Antes, em Santa Maria, tinha deixado Sabala, um leão desdentado e pulguento, que era apresentado pelo locutor, no encerramento do espetáculo, como o temido rei de todas as selvas e matarias. Só que despejou o velho felino em local bem distante do centro, por causa da jaula, que fedia à carniça, e também para não dar tanto na vista da sociedade protetora dos animais, um pé no saco de quem costuma judiar da bicharada.

Tá certo que circo não é lugar de fera, mas João não pode ser considerado como tal, pelo menos por enquanto. Embora não fosse artista, julgava-se peça importante das atrações anunciadas pelo alto-falante da Chevrolet Veraneio caindo aos pedaços, pois ajudava a erguer toda a estrutura e montar o palco. Era mais um “peludo”, como são chamados os que fazem esse trabalho braçal e sem qualquer valor aos olhos dos outros. Mandado embora que nem um cachorro cegueta, sob a desculpa de que o serviço bruto seria terceirizado, João Amâncio dorme hoje no mesmo lugar onde fora largado só com a roupa do corpo. Ele é um violão orelhano faltando a corda mi, aquela mais fininha, mas é do instrumento que lhe vem o consolo e agora o sustento. Toca e canta o que reteve a memória, e atende algum pedido musical, em troca de dinheiro ralo. Sonha em voltar para o trailer perfumado da trapezista Teresa, ainda que o circo tenha tomado rumo ignorado. Quem viveu a maior parte da vida debaixo da lona

não se ajeita no bulício dos povoados. Quem se criou sentindo o cheiro de serragem vinda do assoalho do picadeiro não suporta respirar fumaça de óleo diesel.

Encontrei-me com o João Amâncio antes do Natal, no bar do João Circuito, lá na Vila Kurtz. Disse-lhe que tinha notícias do circo. Havia feito uma apresentação em Garruchos. A última. Contei-lhe, entre um samba e outro – falo aqui simplesmente da canha com coca –, que um colega meu, morador na fronteira com a Argentina, tinha ficado amicíssimo do dono, que lhe confidenciou: coincidência ou não, desde a saída do João Amâncio a empresa circense passou a operar no vermelho. Faliu! E que a primeira providência, em caso de recuperação judicial, seria buscar o antigo funcionário, esteja ele onde estiver, e com direito a ser nomeado chefe da peludama. Sim, claro que menti! Meu senso de justiça me diz que podemos tirar de um homem qualquer coisa material, até a casa onde mora, mas jamais a ilusão. Essa, dentre todas as perdas, é a única irreparável. E irreversível. Quem perde o direito de sonhar perde junto a vontade de viver.

João Amâncio segue ainda sem teto e com a mesma roupa, mas, em compensação, tem como companhia fiel todas as estrelas do céu, isso sem contar a lua, que se chegou mais perto para ouvir suas cantigas que falam de fados e andorinhas. Quanto à Teresa, pode ser que volte para os seus braços, mas pode ser também que se empregue como diarista. O amor é uma perigosa acrobacia aérea com os olhos vendados, e não tem rede de proteção que chegue a tempo quando a gente despenca lá de cima.

TANTO SOFRIMENTO POR NADA

O meu pai foi preso em abril de 1965. Política. Era presidente do PTB em São Sepé quando “estourou” a revolução. A acusação maior, soube-se depois, era a de que possuía em sua pequena propriedade rural, nas proximidades da cidade, um campo de treinamento de guerrilha. Logo ele, que nunca usara um canivete no bolso, acusado de guerrilheiro. Foi escoltado até São Gabriel, local escolhido pelos golpistas para aplicação do exemplar corretivo.

A Isabel, irmã mais velha, acompanhou a mãe na assistência ao prisioneiro. As outras duas manas e eu permanecemos em casa, entregues ao vizindário e parentes mais chegados. À comunidade, para ser justo, pois todos foram solidários naquele momento de transtorno e diáspora. As pessoas vinham até nós sem o enfadonho ar da curiosidade, tão comum na hora da desdita, mas com o único propósito de ajudar uma gente miúda e indefesa. Davam-nos brinquedos e carinho. Lembro-me do padre Otávio Ferrari: de jipe e batina preta amarfanhada, trazia não só o conforto da palavra de Deus como também parte do dízimo arrecadado nas missas.

É claro que os filhos não entendiam o que se passava, por que os pais haviam sido levados embora, sem aviso, sem nada. Tinha cinco anos. Na minha cândida cabecinha acreditava que só existia um lugar onde poderiam ser encontrados: no cemitério. Sempre me diziam que, desaparecido alguém, por um motivo ou outro, era carregado para lá, mesmo contra a vontade. Mais de uma vez fui apanhado de marcha batida, rumo ao campo santo, em busca a quem havia jurado amor filial.

Após a prisão, o meu pai passou a ser outro homem – mesmo sem sofrer qualquer tortura física ou coisa parecida, como vários de seus companheiros de infortúnio, que tiraram de letra a violência padecida. É que o velho foi ferido na “armadura moral que revestia a sua estrutura angelical”, como falou Carlos Reverbel, pois nada fizera para justificar um mês de cadeia. Feriram-no de morte sem lhe tocar um dedo, ao colocá-lo numa câmara de tortura mental, sem acusação, em completa atmosfera de irracionalidade, o que é letal para alguém com agudo poder sensitivo.

Depois de vários anos, constato que a dor foi em vão.

Sob o pretexto de que a governabilidade é conceito absoluto, trabalham hoje na mesma sala oficial de Brasília a vítima e o seu algoz, o delator ao lado do denunciado, suponho que na maior naturalidade, como se nada acontecera num passado que ainda guarda cheiro recente nas dependências da memória.

O eterno presidente do Congresso Nacional, José Sarney, por exemplo, foi presidente da Arena, partido que emprestava, mediante juro módico, sustentação ao regime militar. Hoje virou conselheiro espiritual de um governo dito de esquerda.

Um dos líderes da chamada base aliada é Fernando Collor de Mello, arrancado do Palácio do Planalto pela porta dos fundos. Outro, não menos importante nas injunções do poder central, é o seu conterrâneo Renan Calheiros, que dispensa maiores apresentações. Também tem o deputado federal Jader Barbalho, cujas mãos nem sempre estão livres das algemas, isso sem falar no ilibado deputado federal Paulo Maluf, alto prócer situacionista, com prisão decretada nos Estados Unidos e todos os seus bens bloqueados no Brasil e em outros seis países.

Se eu lembrar a quantidade de jovens torturados - afora os incontáveis mortos - por perseguirem a (im)própria utopia de umedecer a árida garganta da desigualdade social, a vontade que me dá é de sentar no cordão da calçada e chorar, chorar por eles, pelo meu pai, pela nossa família, pelos seus amigos, que não mereciam tanto sofrimento por nada.



Alexandre Volkweis

Jornalista, músico e produtor musical. Integrante do Departamento de Comunicação Social da AJURIS.

AS COSTAS DO MAR

Teu dorso é uma balsa,
cavalo sem rédeas
galope no mar.

Tuas costas nuas,
ilhas mágicas
- Eu te quero, naufrago...

Te quero, simples,
suor e cabelos soltos
lambendo areias salgadas
e exalando olores doces, molhados.

Te quero os pelos inteiros
e virar do avesso os teus sonhos
Por que não te viras e
vês que estou aceso?

Se quiser, eu sento
no banco, na praça, onde for
pra ver o céu cinzento
- o dia está limpo!

Se quiser, eu te mostro
a vida pulsando lá fora,
o desejo ardendo
aqui dentro...



Antonio Kleber Mathias Netto

Juiz de Direito aposentado, autor dos romances *À Sombra do Barbaquá*, *Fortim: O Outro Lado do Sonho* e *Onde Sopra o Aracati*. Publicou, também, uma dezena de livros de poesia, entre eles *Quarenta Sonetos sem Pecados*, *Tuna*, *A Dança das Borboletas* e *Baú de Vozes*. Recentemente lançou a obra biográfica *A Saga de Maria Dária*. Também lançou livros de contos e pensamentos.

INSPIRAÇÃO

Mas eis que a inspiração que se ausentara
agora se aproxima à noite fria,
confortando minha alma tão vazia,
nutrindo o sentimento que não sara.

Recebo-a na cadência dos encantos,
tecendo as ilusões do amor ansiado.
Do meu desejo, emerge augusto fado;
do verso, brotam luzes, brotam cantos.

A inspiração colheu-me, desta feita,
centuplicando temas esquecidos
num passado de sonho fenecido!

No tremor da emoção que me sujeita,
escrevo este poema à musa eleita,
ao rigor de abandono imerecido!



**Antonio Vinicius
Amaro da Silveira**

Juiz de Direito no RS, atua na Turma Recursal da Fazenda
Pública - 3ª Relatoria.

O LOBO E A COROA

Sempre ouvi dizer que a beleza está muito mais nos olhos de quem a vê do que de quem se apresenta. Tinha dificuldades de entender isso, anda mais porque “as feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”. Certamente havia nisto muito mais do que mera constatação do evidente. A conciliar com a célebre expressão, pelo lado mais popular e apócrifo, outro adágio se impunha: não existe mulher feia, mas pouca bebida. Pudera. Aos 20 anos, só se compreende a beleza em seu contexto físico. Pouco muda aos 30, quando o homem olha as mulheres com olhos de lobo. Vai ver era por isso que não entendia como podiam aqueles amigos de meu pai exclamarem que determinada “coroa” era linda! Coroa linda? Paradoxo! Linda era minha vizinha de 20 anos. Exuberante e maravilhosa! Não entendiam nada! Mesmo assim, aquela contradição me fazia refletir: será que algum dia vou enxergar essa beleza madura tão bem escondida? Será que ela realmente existe ou é o conforto dos fracassados?

Mas o tempo passa, e junto com ele suas medidas e reflexos.

Dia desses, entretido pela vagueza do pensamento, deparei-me admirando uma bela mulher, que já aparentava tempo de vida suficiente a debater comigo, com autoridade, qualquer assunto que demandasse experiência. Tinha na essência algo admirável. Charme e, por que não, exuberância. Um misto de surpresa e satisfação tomou conta de meus sentimentos. Será? Seria esse o enigma? Tudo indicava que sim. É. Não havia dúvidas. Enfim, ali estava ela: A “coroa linda”.

Então, passado o tempo, percebi que algumas coisas mudaram bastante, e outra vez ele não veio sozinho. Não para mim. Arrastou consigo a maturidade da percepção e a correta compreensão do belo.

Pois é. Superada a fase do lobo, não só ficou linda a coroa como muitas vezes se sobrepõe à exuberância da juventude e supera com facilidade a eventual necessidade de escolha. Que bom pra todos, pois há luz no fim do túnel. E assim a beleza continua sendo fundamental, com ou sem álcool, e permanece muito mais nos olhos de quem a vê, desde que se saiba de fato enxergar e se esteja pronto pra isso. Ver o belo no olhar, no pensamento, nas ideias, nas palavras e principalmente no conjunto que só a maturidade sabe dar.

Mulher feia realmente não existe, o que falta muitas vezes é a embriaguez do conhecimento e da maturidade daquele que a procura. Isso sim é fundamental.

Forçado, quiçá, pelas circunstâncias, compreendo a razão do poeta.

É claro que fatalmente meu sobrinho ainda não pensa assim. Ainda bem, porque não sei se as mulheres em geral compartilham desta mesma sabedoria. Tomara que sim.



Athos Gusmão Carneiro

Ministro aposentado do STJ. Magistrado do RS da
Academia Brasileira de Letras Jurídicas.

A RETRATAÇÃO

São Francisco de Assis, minha primeira comarca. Meados do século passado, lá por 1952 ou 1953. O fórum funcionava em um prédio ao estilo antigo, casarão que fora do extinto Banco Pelotense (assim diziam); nas duas salas da frente, o cartório eleitoral e a sala do Júri e audiências; nos fundos, residência do juiz. Os cartórios do Civil e Crime, e de Órfãos e Ausentes, funcionavam na própria casa dos titulares. Rua larga e arenosa, movimento de veículos reduzidíssimo. Silêncio eloquente, somente interrompido, de tempos em tempos, pelo ruído do malho e da bigorna na ferraria de Julio Strazzabosco, situada no outro lado da rua, de cujo poço nos servíamos de água potável. Claro, naqueles tempos de São Chico não possuía rede de água; luz só até as 22 horas, de um velho motor a diesel; telefones, só vinte e poucos, daqueles de manivela, hoje nos museus junto com as máquinas de escrever, os mata-borrões e as canetas tinteiro, sem falar na polainas.

Na tarde de uma segunda-feira, estava eu despachando com o escrivão do Cível e Crime, João Azambuja, de tão saudosa memória, quando chega um grupo de gaúchos. Amarram os cavalos nos frades de pedra (eram dois, na calçada fronteira, com largas argolas na parte superior), atravessam a rua para deixar os cinturões e revólveres pendurados em pregos na porta de ferraria; voltam e entram na sala de audiências, com fisionomias nada alegres. Queria trazer ao juiz, civilizadamente, grave desavença, um caso de difamação. Tomou a palavra um deles, que chamaremos Fulano, e narrou

que um seu parente, doravante Beltrano, havia na véspera, no bolicho do Rincão dos Pereira (ou dos Siqueira, ou dos Ferreira), perante os frequentadores que não eram poucos, “falava mal” da esposa dele querelante. Considerando as relações familiares, convieram em não resolver o ‘causo’ pelas vias de fato (como de praxe), mas pela decisão do novo juiz, fazia pouco chegada de Porto Alegre, o qual merecia confiança, até porque era casado com moça nascida no Município.

Ouvindo o querelante, dei a palavra ao acusado, e este disse, mui constrangido, que tudo não passava de um triste mal-entendido, ele respeitava muito a esposa do acusador, e até estava pronto a afirmar isso em público. Ótimo, afirmei eu, um acordo é sempre a melhor solução, mais ainda em questões entre familiares e vizinhos. O escrivão vai tomar por termo o desmentido do querelado, e tudo volta às boas.

Mas o queixoso não se conformou, alegando que a ofensa fora feita em público, e o tal termo, que ele não sabia bem o que era, não teria publicidade. Não há problema, respondi: o escrivão tira uma cópia (os autos eram datilografados em máquina manual, mesmo porque outras não existiam, com uma cópia a carbono...) e o senhor leva e pode colar na porta do bolicho.

“Mas não adianta, doutor, muitos não sabem ler direito e nem vão entender, prefiro que o linguarudo faça o desmentido lá mesmo, no domingo que vem “.

A ideia é boa, disse eu. O senhor, seu Beltrano, concorda em fazer o desmentido em público? “Pois é, seu doutor, se é para resolver em definitivo, está bem, então concordo”.

Assim ajustados, Fulano, Beltrano e os acompanhantes montaram em seus pingos e retornaram aos pagos. O querelante levava um bilhete meu ao inspetor de quartirão

(espécie de sub-prefeito), redigido mais ou menos assim:

“Sr. Inspetor. Tendo em vista terminar com a questão surgida entre o queixoso Fulano e o senhor Beltrano, determino que no domingo que vem, no boliche do rincão, o senhor esteja lá e providencie a retratação de Beltrano, na presença dos freqüentadores. E me comunique o que ocorre. Saudações”.

Na segunda-feira seguinte, para surpresa e inquietação minha, estavam todos de volta. Mas logo notei os semblantes desanuviados, querelante e querelado se tratando cordialmente. E Fulano me entregou a resposta do Inspetor de Quarteirão: *“Senhor juiz, impossível cumprir vossas ordens de retratação. Motivo: não tem retratista aqui no rincão”.*

Não tem retratista? “Não tem, seu juiz”. E agora? Neste passo o escrivão Azambuja com sagacidade interveio: “Doutor, chegou um retratista aqui na cidade, atende lá na rua ao lado da Igreja, perto dos fundos da Prefeitura”.

“Vamos lá, então”, propôs o ex-querelante, com geral concordância. Foram e não mais voltaram. Ótimo sinal de que tudo retornou ao *statu quo ante*, por certo com aplauso às vantagens da ‘modernidade’ processual, em que uma boa fotografia dos desavindos, sorridentes e concordes, dava testemunho definitivo da volta da paz e da harmonia.

Em última análise, tivemos a consagração máxima do principio da oralidade, tão exaltado no Código de Processo Civil de 1939; ou, modernamente, da informalidade, louvado no projeto de novo Código.

O CASO DA ENTREGA DO RAMO

Até hoje me arrependo. Açodado, irrefletidamente rompi uma tradição pelo menos duas vezes milenar, desde que Roma era um rude povoado às margens do Tibre (ou Tevere), sujeito à suserania etrusca. Posso consolar-me com o pensamento de que, não fosse eu, seria outro juiz. Mas o consolo é parco. Vejamos o sucedido.

Era São Francisco de Assis, no oeste do pampa gaúcho, entre Santiago do Boqueirão e o Alegrete; não confundir com o outro São Chico, o de Paula, na Serra, mais próspero e conhecido. A *latere*, lembro que o Alegrete era então um reduto maragato, dos parlamentaristas de Raul Pilla, de Mem de Sá, de Brito Velho, de Décio Martins Costa, de Coelho de Souza, de Henrique Fonseca de Araujo, de Paulo Brossard, de Manoel Antonio Pita Pinheiro Albuquerque – todos, exceto Paulo Brossard, já *‘emponchados nas páginas da História’*, como escreveu Guilherme Schultz Filho, em sua Gesta de um *Clarim*¹. Mas vamos ao ‘causo’ sem mais digressões.

Era minha primeira hasta pública, lá por meados de 1952, eu com poucos meses de judicatura. Na saudosa Faculdade da Av. João Pessoa (o Diretor era o Prof. Elpídio Paes, sempre com as Institutas debaixo do braço) não chegamos a estudar detidamente as execuções. Assim, dei uma olhada no Código (vigorava o CPC de 1939) e confiei na sabença, de experiências

¹ Poema escrito em homenagem à Epopéia Farroupilha, e a cuja comovente declamação pelo próprio autor, trajando botas, bombacha e lenço vermelho, assisti no auditório da Assembleia Legislativa do RS, em setembro de 1975. Vale citar as estrofes finais: *“Quanto mais tempo sobre o tempo passa, mais avulta dos bravos a memória, emponchados nas páginas da História, amadrinhando os rumos de uma Raça”*.

feita, do escrivão do Cível, o João Azambuja, gordo e afável. Apareceram três interessados na aquisição do imóvel (um campo lá para as bandas do 3º Distrito). Um deles ofereceu o maior lance, e o escrivão, batendo com dois dedos em sua pesada máquina de escrever, uma ruidosa Remington manual (nos idos tempos, nem em sonhos se conceberia algo como o computador e a digitação), escreveu mais ou menos assim:

“E pelo juiz foi dito que considerava o imóvel arrematado pelo senhor Fulano de Tal, fazendeiro, residente em Santa Maria, que ofereceu o maior lance, de tantos cruzeiros, valor neste ato depositado em juízo por cheque do Banco da Província, e a quem o Dr. Juiz mandou entregar o ramo”.

Lendo a redação, de imediato perguntei:

– Que ‘ramo’ é esse, seu João, que eu estou mandado entregar ao arrematante?

– Não sei, doutor Athos, estou escrevendo como de costume, o velho (e citou o nome de seu antecessor, que esqueci) já fazia assim, sempre foi assim.

– Pois seu João, apague essa história de ramo.

– Não posso, eu ia ter de escrever tudo de novo, ia levar um tempão.

– Está bem, mas na próxima vez não ponha o ramo.

– Doutor, tirar o ramo, será que não vai dar alguma nulidade?

– Não se preocupe, seu João, eu me responsabilizo.

Com esta decisão rompi na comarca, sem disso então tomar tento, com derradeira reminiscência dos antiquíssimos formalismos de compra-e-venda dos bens dos cidadãos romanos. Nos séculos iniciais da cidade de Roma, e mesmo no direito clássico, a entrega de um ramo de árvore, ou de um

torrão de terra, ou de uma telha ao comprador (supostamente provindos da propriedade negociada), simbolizava, aos olhos das cinco testemunhas (e do porta-balança, o *libripens*) presentes ao ato oral solene da *mancipatio*, a transmissão da posse ao adquirente, ao *mancipio accipiens*.

A lembrança deste modo simbólico de adquirir, usado inicialmente apenas para as propriedades *ex iure Quiritium* (portanto sendo interessados cidadãos romanos, ou latinos com o *ius commercii*), permaneceu pelos séculos afora, atravessou a Idade Média, persistiu na vigência do *Fuero Juzgo*, das Ordenações do Reino e das Leis do Império e da República, até que na comarca de São Francisco de Assis encontrou fim com a minha irrefletida decisão. É indúvidoso que a abolorecida fórmula, de qualquer maneira, não iria resistir ao informalismo processual e à informatização. Mas que foi pena, foi.



Carlos Alberto Bencke

Mestre em Direito, desembargador aposentado, advogado,
autor de *Acionista Minoritário – Direito de Fiscalização*.

O MELHOR É VIVER, MEU AMIGO!

Fazia tempo que não nos víamos. O jovem bonito, alto, longilíneo, cabelos fartos e castanhos claros que eu conheci há quarenta anos, estava na minha frente como um senhor que ainda mantinha traços que denotavam a beleza da juventude, mas nem parecia tão alto, os cabelos haviam rareado e os que restaram estavam totalmente brancos e combinavam com aquela barriguinha própria da idade.

Conversamos sobre as belas mulheres que permearam nossas noites e madrugadas insones na juventude, as alegres partidas de futebol ou, mais recentemente, de tênis. O grupo que agora se reunia para jogar tênis já não tomava cerveja ao final do dia, na beira da piscina do clube: pediam guaraná, coca e água sem gás. Nas conversas, passaram das mulheres para a troca de receitas culinárias e destas para receitas médicas e pediam, um ao outro, conselhos sobre o melhor proctologista ou urologista.

Meu amigo teve sérios problemas de saúde – coração. Saiu bem dessa, mas tinha restrições que o acompanharão pelo resto da vida. A comida, a bebida, o trabalho, o esporte, o sexo...

Contou-me a piada do velhinho que estava em consulta e o médico receitou-lhe medicação para acabar com os gases que o atormentavam. – É tiro e queda: basta tomar um comprimidinho duas vezes ao dia que os gases desaparecem – disse-lhe o médico. O velhinho respondeu que não iria tomar aquele remédio, pois já lhe tinham tirado todas as coisas boas

da vida, a comida, a bebida, o esporte e o sexo e agora queriam lhe tirar o prazer de liberar flatos. Demos boas risadas.

Ele não reclamava das restrições que lhe impunham. Reclamava, sim, de que os órgãos não lhe obedeciam mais e tinha um incrível descontrole de alguns atos triviais do dia a dia de qualquer cidadão educado. Não controlava os intestinos quando lhe avisavam que os camarões apreciados na noite anterior estavam pedindo passagem; nem a bexiga quando alertava que tinha chegado ao limite do tolerável e iria transbordar a qualquer momento.

Disse que os órgãos mais íntimos adquiriram autonomia total, fazendo-o passar vergonha diante dos amigos. E eram vingativos pelas tantas vezes que foram solapados em seu sagrado direito de ir e vir. Era um vexame. Desde a cirurgia para ajeitar as peças do velho coração, sentia que não dominava mais seus órgãos.

– Não tem mais jeito, estou velho e só espero não caducar, como se dizia no meu tempo – despediu-se.

E eu fiquei a pensar sobre essa expressão: “no meu tempo.” Tem um significado imenso para todos nós que já passamos longe dos cinquenta. O mundo transformou-se. Agora mesmo estou teclando neste computador de última geração. Logo eu que nunca fui muito chegado nessas tecnologias e aprendi a datilografar numa Remington manual; que tive uma Erika da banda oriental quando ainda existiam duas Alemanhas; que passei por IBMs com e sem corretivo. Senti saudades daquela época.

Meu amigo saiu reclamando da desobediência dos órgãos, mas como era no “nosso tempo”? Nem tinha medicação suficiente para tentar domá-los, como tem hoje. Se o coração descompassava, a medicação não tinha tanto efeito como as

de hoje e, não raro, vinha a morte súbita e inesperada. Aí os comentários: coitado, como morreu cedo, só tinha 50 anos. Ou, pior: ele descansou, já estava com 65.

Então pensei cá com meus botões: o que é melhor? Viver antes ou viver agora? Minha resposta veio pronta e até disse em voz bem alta, como se estivesse passando um recado para a visita que recém saíra: *o melhor é viver, meu amigo.*



Cassiana Broglio Garbin

Advogada, Especialista em Direito Ambiental Nacional e Internacional/UFRGS. Obra publicada: *A Pequena Bella e Suas Grandes Ideias* (literatura infanto juvenil). Editora Scortecci, SP/2012.

AS DALILAS E JUDITES DA VIOLÊNCIA COTIDIANA

Todo dia. Sim, todo dia. Notícias de violências assustadoras. Inéditas não, mas cada vez mais elaboradas, como se o autor analisasse passo a passo o meio mais diabólico para agir.

Pior que isso. Tanto empenho para agredir pessoas, muitas vezes bem próximas, numa relação na qual a confiança já se presumia ser inabalada. Igualmente, nada inédito. Sim, há milhares de anos, Dalila também quebrou a confiança de Sansão que, por acreditar no seu “amor”, confessou a ela a origem de sua força. Por “retribuição”, fê-lo dormir e chamou a um homem que lhe raspou as sete tranças do cabelo de sua cabeça, violentando-o, pois, duplamente.

Violências emocionais e físicas advêm, quase sempre, de sedução e de conseqüente confiança cega.

E Judite de Betúlia? Outra mulher que seduziu o general Holofernes e o traiu, decapitando-o. O motivo? “Nobre”, diz o bíblico, eis que para salvar o seu povo do ataque dos exércitos babilônicos.

Será que existem mesmo motivos justificadores para violências tamanhas?

Hoje, os jornais veiculam as mais tristes histórias de violência nas famílias. Os exemplos dessa violência são inúmeros: mulheres que matam maridos, as quais se esquecem de que esses são os pais de seus filhos; herdeiros que matam seus pais que, ingenuamente, acreditaram ter criado filhos.

Aonde se chegará? Qual o limite da violência praticada por um ser humano? Não estamos nem perto de conhecer esse limite, se é que ele existe.

Que o mundo anda estressante, disso não há dúvida. Injustiças, inseguranças e tanta inconstância na vida das pessoas, além da impaciência no íntimo dessas; e, como resultado, atitudes descontroladas e impulsivas que se refletem na vida dos outros, próximos ou nem tanto, quase sempre de forma fatal.

A violência choca, seja ela qual for. Mas, quando ocorre entre pessoas que antes cultivavam laços afetivos, a violência agride os olhos de qualquer espectador, mesmo desconhecido dos envolvidos. Sim, a traição, por si só, já é a maior das violências.

Lamentavelmente, vivemos em apuros. As relações, cada vez mais, estão por um fio. Mortes sem fim, assassinos confessos sem qualquer sentimento de culpa. É a comprovação de que os seres humanos, com o passar dos séculos, não evoluíram na sua humanização. Assim, as Dalilas e as Judites sempre existirão no cenário da violência cotidiana.

The background features a light gray gradient with a stylized graphic of an open book's pages at the bottom, curving upwards. Scattered across the upper portion are various letters and symbols in a white, serif font, including 'P', 'R', 'a', 'p', 'F', 'f', 'g', 'V', 'I', 'K', 'O', 'j', 'L', 'Q', 'b', 'z', 'C', 'D', 'y', and 'A'.

Claudia Tajes

Escritora e redatora publicitária. Estreou na literatura, em 2000, com o livro *Dez (Quase) Amores*. Depois publicou *As Pernas de Úrsula*; *Dores, Amores & Assemelhados*; *Vida Dura*; *A Vida Sexual da Mulher Feia*; *Louca por Homem* e *Só as Mulheres e as Baratas Sobreviverão* e *Por isso eu sou vingativa*. Também é roteirista da Globo e em 2011 teve seu livro *Louca por homem* adaptado para uma série no canal HBO chamado *Mulher de fases*.

O MUNDO ENIGMÁTICO

O elevador do prédio em que morei na infância tinha, ao lado do botão vermelho que disparava o alarme em caso de emergência (e onde a gente sentava o dedo sem emergência, só para avacalhar), outro botão onde se lia: PREMIER PARA PUXAR PARTE. O texto era escrito em caixa alta, sem vírgula ou ponto, palavra sobre palavra, um enigma a ser decifrado em toda subida e descida. PREMIER PARA PUXAR PARTE.

Muito mais tarde, alguém me solucionou o mistério. Premendo, isto é, apertando o botão, o elevador parava. Puxando o botão, o elevador partia. Dito assim parece barbada, mas foram anos e anos pensando naquela frase. Informação que não é clara de pouco adianta, essa é verdade. Ou quem não se comunica se trumbica, na síntese filosófica do Chacrinha.

Essa máxima só não vale na hora de lançar um produto. Para superar a concorrência, fabricantes apelam cada vez mais para diferenciais que quase ninguém compreende e que, por estranho que seja, funcionam para vender. Um caso clássico é o do sabão em pó com Lipolase. Depois dele, nenhuma dona-de-casa se atreveu a lavar sem lipolase, mesmo sem saber que diabos era aquilo.

Gosta de desafios? O shampoo com Biotina é excelente para qualquer cabelo. A cera depilatória agora vem com Eugenol. Vitamina C com Rose Hips protege mais. A lavadora utiliza a exclusiva tecnologia Nano Silver. O desodorante com Mineralite cuida melhor da sua axila. Salões de beleza oferecem relaxamento com Guanidina. A bermuda anticelulite tem

biocerâmica com infravermelho longo. E já chegou o batom com ouro 24 quilates, o que é fácil de entender por um lado, mas incompreensível para mim.

Nesse verão, um protetor solar se anunciava como anticomedogênico. Pessoalmente, jamais experimentaria um produto comedogênico, por medo do que pudesse me acontecer. Foi necessária uma visita ao Google, o amansa-burro dos novos tempos, para descobrir que anticomedogênico é o creme que não causa acne. Para tentar entender: a frase “não causa acne” não seria um argumento de vendas mais eficiente?

Premer para, puxar parte. O mundo é um lugar enigmático.

COFRINHOS AO LÉU

A moda da cintura baixa para mulheres e homens trouxe à tona, literalmente, uma particularidade corporal até então mantida sob o esconderijo das calças: a divisão que separa as nádegas em dois hemisférios distintos, o de cá e o de lá, e que, em linguagem médica, é chamada de sulco interglúteo.

Sulco interglúteo. Não há texto que resista à feiúra de uma expressão assim. Em uma breve pesquisa, não encontrei nenhuma forma inspiradora para denominar a parte em questão, sendo o termo mais usado o que é de conhecimento geral, *reggo*, no sentido de canal e vala, entre outros significados que deixam tudo pior a cada letra. Consultei um especialista (no vernáculo), o professor Cláudio Moreno, Doutor em Língua Portuguesa, que citou também *regada*, *regueira* e *prega glútea*.

Deve ser pela falta de uma palavra ao mesmo tempo educada e popular para designar a região que, hoje, ela é chamada de *cofrinho*. Por que cofrinho? A intuição do professor Moreno diz que é pela semelhança com a fenda do clássico cofre de porquinho. O caso é que a moda da cintura baixa deixou a população com o cofrinho de fora. Jovens e maduros, todos agora revelam o próprio cofrinho ao mundo não por exibicionismo, mas por falta de tecido.

O cofrinho não escolhe onde vai aparecer, podendo ser visto em ambientes mais formais ou nos cafés da cidade, em chás e jantares, nos encontros de amigos. Este cofrinho social, digamos, atualmente é tão exposto quanto o cofrinho prestador de serviço, aquele dos profissionais do encanamento, da eletricidade, da jardinagem e da construção, tradicionalmente à mostra durante as jornadas de seus donos.

Para evitar constrangimentos, a estilista americana Kimberly Brewer criou uma espécie de escudo para o local. Feito de material antialérgico e decorado com bijuterias e cristais, o escudo protetor tem um adesivo no verso para grudar no cofrinho e escondê-lo da curiosidade alheia. Embora este pareça um típico caso de emenda pior que o soneto.

Já que a moda da cintura alta não vingou por aqui, até porque a calça santropeito é danada mesmo, seguiremos observando os cofrinhos ao nosso redor, alguns deles cofrões, outros verdadeiras caixas fortes. Alguns pilosos, outros com dermatite. Alguns bem rústicos, outros mais delicados. É magnético: o cofrinho do vizinho sempre atrai o olhar.

Nada que uma boa puxada na camiseta não consiga evitar.



Cyro Púperi

Juiz de Direito no RS.

UM MELANCÓLICO POR DO SOL NO GUAÍBA

Um por do sol melancólico
Debruça-se sobre o Guaíba
Ao fundo a cidade acorda
Para mais uma noite insone

Carros serpenteiam
Pelas ruas sinuosas
Voltando para casa
Partindo de casa

Em cada esquina vazia
Em cada bar solitário
Nos olhos opacos da vida
Retalhos do dia que finda

Parque da Redenção
Árvores, bancos, passeios
Sombras que anuviam os olhos
Momentos de redenção

A vida rompe a cidade
Em anônimos habitantes noturnos

Ganhando túneis e viadutos
Como que brotando da terra
Ao infinito espaço na escuridão

Da sacada de um prédio distante
Tão próximo das margens do rio
Vislumbro o retorcer da noite
Que lentamente tudo envolve

Percebo e sinto triste
Que o encanto outrora da noite
Transforma-se inexoravelmente
Num quadro de miséria e dor

Quão vasta a impotência
Que brota das profundezas da terra
Subindo ávida pelo concreto
Impregnando-me dos pés à cabeça

Quão férteis os sentimentos
Que pulam do coração aberto
Tentando alcançar a liberdade
Caindo pesadamente no asfalto
E a cidade continua
Povoando-se de noturnos anônimos
Que sequer sonham sentimentos
Que sequer enxergam a dor

A dor que abate o peito
Que dilacera as entranhas
Que rasga impiedosa os sonhos
Até o desfalecimento

E eu continuo absorto
Na sacada do prédio distante
Olhando onde os olhos não vêem
Pensando o que a mente não pensa

Que como os sentimentos
Que buscam o vôo improvável
A liberdade que almejo
É o duro asfalto que espera.

ESPANTO

Tudo que espanto
Tudo que espanco
Neste largo gesto certo
Neste antigo pranto pronto
Se resume neste longo ponto
Em branco



Diana Corso

Psicanalista Membro da APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre). Colunista do jornal Zero Hora. Publicou o livro *Fadas no Divã: psicanálise nas histórias infantis*, em 2005, e *Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia*, em 2010, ambos pela Ed. Artmed, escritos em parceria com Mário Corso. Site: www.marioedianacorso.com.

ADULTOS VORAZES

Sobre o livro-filme “Jogos Vorazes” e o interesse dos jovens pelo tema do totalitarismo.

Crianças, no futuro toda essa selva será sua! Não parece atraente, mas é o patrimônio que temos a oferecer aos jovens. O lado de fora do lar é sempre a perigosa floresta, já alertavam os contos de fadas. A vida social é uma arena e os jovens são como gladiadores, cuja vida e prestígio pedem um sacrifício à sociedade do espetáculo. Esses elementos encontraram uma ótima síntese em “Jogos Vorazes”, primeiro volume da trilogia juvenil de Suzanne Collins (Ed. Rocco), agora no cinema. O livro re-atualiza o mito do Minotauro, colocando jovens a serem entregues à morte, como tributos. Desta vez, são sacrificados a outro tipo de monstro: a voracidade do público de um Reality Show.

Na maior parte do Ocidente vivemos num clima democrático e escarneamos das primitivas ditaduras remanescentes. É fato, mas os jovens e suas fantasias prediletas insistem no tema do totalitarismo: os magos perversos de Tolkien, os Comensais da Morte de Harry Potter, a repressão em V de Vingança, entre tantos outros. Aqui isso se repete, por que será?

Nessa série, em um mundo distópico, um poder central, situado na “Capital”, submete 12 distritos à miséria e controle absolutos. Uma rebelião ocorrida no passado é lembrada anualmente com uma punição exemplar: cada um dos distritos

deve oferecer dois jovens (um casal) todo ano para disputar uma luta terminal, que ocorre numa floresta, da qual somente um dos 24 pode sair vivo. Claro, câmeras espalhadas mostram a carnificina em detalhes. Um deles, Katniss, a personagem principal, vai construir sua trajetória heróica em confronto com o poder da Capital. Ela já era uma caçadora clandestina, independente, mas responsável. Nos jogos, torna-se guerreira.

Os jovens cultivam essas histórias porque não se deixam enganar pela paz aparente. A luta por poder e prestígio, a fogueira das vaidades, segue fazendo vítimas. Não há lugar no mundo para todos e nessa dança das cadeiras sobram muitos de pé, eliminados. Mesmo sem guerras para mandá-los, das quais voltarão vitoriosos ou mortos, eles continuam sendo selecionados. Por isso crescem armados, desconfiados e preparados para a vida na selva. Hoje como ontem, não lhes perdoamos o viço que os mais velhos já perdemos, a necessidade que eles têm de revolta, a independência que precisa nos derrubar. Como pais, exigimos tributos pelo que lhes demos, reverência às nossas conquistas e crenças. No fundo, adultos sempre serão totalitários, crescer sempre será uma guerra e o mundo uma selva. Nossa parentalidade culposa, gagejante e omissa não os engana. O adulto é o lobo do jovem.

O BANHO DE FREIRAS

Quando pequena ouvi ou li um relato sobre a rotina de certas freiras reclusas. Nem sei se era real ou inventado. Mas o assunto me pegou, pois intrigavam-me certas peculiaridades

sobre o banho dessas religiosas. Conforme recordo, elas jamais podiam desnudar-se, portanto trajavam um tipo de veste, como uma segunda pele, com a qual também se banhavam.

Ficava a pensar como elas se lavavam, se podiam ou não colocar as mãos por dentro dessa armadura de pano e ensaboar as partes, digamos, mais inacessíveis. Ainda me preocupava com o aspecto da drenagem: se saíam com essa espécie de película de pano do banho, teriam que ficar secando ao relento antes de vestir o hábito, que do contrário ficaria molhado. Teriam elas aquecimento? Dedicava longas divagações à complicada logística do banho de uma pessoa que não pode se despir.

Na infância, minha filha tinha um problema de relevância similar. No caso dela era com o limite de peso que as pontes podiam suportar. Ela lia o peso nas placas. Como testariam a resistência daquela edificação? Após muito conjeturar, ela pensou que testavam com algum tipo de peso tal qual os das balanças antigas.

Quando a ponte caía, construíam uma nova igual e anunciavam o peso máximo suportável. Porém, preocupava-se ela, a nova ponte não havia sido testada, e se fosse mais frágil do que sua similar anterior?

Essas são questões de criança, com o tipo de solução estapafúrdia que elas costumam inventar. Mas não são muito diferentes de uma série de raciocínios práticos com que os adultos costumam se distrair, principalmente em noites de insônia. Problemas ridículos e soluções dispensáveis ocupam longas jornadas de reflexão.

Tanto matutar nos leva a desconfiar de que é sobre questões realmente significativas que se trata. É inevitável pensar que uma menina ocupada com o direito de desnudar-

se e tocar-se está às voltas com a sempre animada sexualidade infantil. Na mesma linha de inferência, a preocupação com a segurança das pontes indica uma precoce inquietude sobre as garantias que o mundo oferece. Sempre poucas e vagas.

Esses pequenos dilemas constituem verdadeiras questões, travestidas de charadas aparentemente fúteis. Fingindo ser pueris e aleatórios, apresentam-se pensamentos significativos: desejos, frequentemente sexuais, assim como questões filosóficas. O problema das pontes, por exemplo, é uma inquietação lógica: como uma experiência pode gerar certezas para compreender uma realidade similar? Desse ponto de vista, até parecemos (e no fundo somos) bem mais profundos! Melhor assim.



Gabriela Ewald Richinitti

Estudante de direito, uma das selecionadas da 20ª edição do Concurso Poemas no Ônibus e Trem da Prefeitura Municipal de Porto Alegre

GARIMPEIRO DE ESTRELAS

Onde o sol castiga a terra, na porção Nordeste,
Lá pelo Polígono das Secas, longe daqui,
Um menino franzino, de pés descalços,
Observa o céu limpo, crivado de estrelas.

Não sabe dar nome próprio às constelações.
O brilho dos astros, no entanto, sugere um:
Desejo.

Ergue o pulso magro verticalmente,
A pele tostada incorporada à escuridão da noite,
Concentra-se na maior e mais bonita,
Procura alcançá-la, julga que alcança, retém no olhar.

É um ladrão de estrelas, o menino;
A mão empoeirada revira o céu,
Pouco a pouco, o sono surge,
Vai escondendo a fome do estômago,
E o garimpeiro de estrelas adormece.

POESIA NASCIDA DO MEIO HOSTIL

Como flor brotada na aridez da terra,
Como lágrima comovida em rosto forte;
Poesia nascida da guerra,
Poesia nascida da morte.
Coração corrompido, sem amor ou encanto,
Debilidade, desengano e descrença;
Poesia surgida do pranto,
Poesia da doença.
Delicadeza infante, a quem vem cedo
A sombra cruel da miséria;
Poesia oriunda do medo,
Arraigada na artéria.
Palavras que fluem e se perdem na alma inquieta,
Tristeza sincera, e de todo confessada;
Cada um é poeta
Da poesia advinda do nada.



Genacéia da Silva Alberton

Desembargadora do Tribunal de Justiça do RS.

SOLDADINHOS DE PAPEL

Enganam-se os que pensam que filho único é solitário. Não é. Ele aprende a viver com suas fantasias. Discussões à parte se isso é bom ou não, importa é que ele não se sente só, pois tem muitos amigos. Com eles convive e reparte os momentos com a realidade.

Os soldadinhos de papel foram alguns dos meus companheiros de infância. Não sei por qual motivo, creio que em homenagem à Independência do Brasil, surgiram os soldadinhos, com túnicas diferentes, sendo que um deles, garboso, montava um cavalo.

Todos estavam num amplo espaço de jornal, inertes à espera de alguém que lhes dessa vida. Foram duas longas tardes com tesoura, cola e papelão. O recorte que os deixava de pé não era suficiente. Precisava um bom suporte para mantê-los à altura do que se esperava deles. Afinal, soldados não poderiam cair no campo de batalha, deveriam ficar de pé. E se dependesse de mim eles não cairiam.

Finalmente, na larga mesa do quarto de brinquedos, talvez para a inveja da bonita boneca loira e do macaco sapeca, receberam destaque os soldadinhos de papel.

Enfileirados, tinham à frente seu líder. Muitas foram as batalhas e eles se perderam na poeira do tempo. Talvez tenham sido colocados em alguma lixeira numa impetuosa limpeza de minha mãe.

Passados os anos, mesmo não sendo visíveis, eles continuaram a postos. Nos momentos de solidão, quando as

peessoas gritam seus problemas à minha volta, convoco a turma de soldadinhos. Eram de papel, agora só de lembranças, mas eles não me deixam esquecer de sonhar, acreditar, me encantar com as batalhas. Não é preciso mais cola ou tesoura, porque eles estão sempre a postos até o dia em que o vento do tempo nos jogar para o infinito.



**Gladis de Fátima
Canelles Piccini**

Juíza de Direito no RS.

MARIA SÓ

Sentado naquela sala tão sisuda, onde os homens estavam engravatados e as mulheres ostentavam roupa de dia de casamento, e onde todos falavam palavras que lhe eram incompreensíveis, Adamastor perdeu-se em reminiscências ao ouvir o nome dela, e voltou-lhe à memória o dia em que a conhecera.

– Maria, que lindo nome – dissera ele. – Igual à mãe de Jesus.

Ela, de pronto, retrucara:

– Maria só não, Maria da Conceição, igual à minha mãe.

E ele jamais a chamara de outra forma, dali por diante, e por todos os vinte anos, seis meses e vinte e um dias em que permaneceram juntos.

Era uma mulata forte, com lábios grossos, rosto redondo, braços roliços e um sorriso grandioso, quando ela o permitia. Daqueles que mostram todos os dentes. No seu caso, dentes muito brancos.

Casaram-se um ano depois. Juntaram as poucas tralhas que tinham, colocaram as roupas em sacolas e alugaram duas peças nos fundos da casa da vizinha de nome Aurora.

Maria enchia sua cama, como gostava de se gabar, muito mais que a casa. Gostava de mulher grande, de perna comprida. Engraçado que ela, tão viçosa, com cadeiras largas, não pôde dar-lhe filhos.

Isso não o incomodara muito. Ficava feliz só com Maria da Conceição. Quando chegava em casa, à noitinha, lá estava ela, de banho recém tomado. Tinha um cheiro de jasmim, daquele talco que usava, e que lhe branqueava o pescoço

moreno. O cabelo molhado ia secando aos poucos e subia, encarapinhado, por suas largas costas.

Gostava de sentar à mesa, depois de colocar os chinelos que lhe aguardavam sempre à porta e vê-la se mover do fogão à pia, contando as coisas da vizinhança ou brigando, ainda àquela hora, com a gurizada, que ao sair da escola costumava bater-lhe à porta e depois se esconder, fazendo com que deixasse o tanque, apressada, para ver do que se tratava.

Ria ela, depois de passada a braveza, não sem antes dizer:

– Ah, se fossem meus filhos...

Tomavam chimarrão e, ele, mais tarde, antes da janta, um gole de pinga, para abrir o apetite.

Sua comida, assim como ela própria, era farta. Havia bastante banha, colorau e pimenta. Devia ela usar outra coisa. Algum tempero que nunca lhe revelara, quem sabe segredo das bandas de onde nascera, porque sempre lhe parecia, depois da comida, que tinha ainda mais desejo pela negra.

Ela também era fogosa. Gostava de aparar-lhe o corpo com as fartas cadeiras e tinha um molejo sem igual. Depois, quando saciado, o cansaço lhe batia e o sono o levava, tinha sempre Maria da Conceição resfolegando no seu pescoço, com um dos braços jogado sobre seu peito.

Nos domingos iam à missa. Comungavam. Às vezes almoçavam na casa dos compadres – afinal, afilhados não lhes faltara e muito gostavam das bailantas ocorridas nos arredores. Também ali a faceirice de Maria da Conceição era um dos seus prazeres.

Haviam se mudado, comprado uma casinha bem singela, mas com o suor do rosto, orgulhava-se ela, contando para os conhecidos.

Adamastor continuava batendo martelo e sarapicando paredes.

Maria da Conceição continuava a aguardá-lo e a guardá-lo.

Um dia, porém, começou a bater-lhe a desconfiança. Foi a vizinha a falar-lhe da casa vazia durante todo o dia. Outra vez foi o Juvenal, do bar da esquina, a perguntar onde andava sua Maria da Conceição. Noutra feita, ainda, a cobradora do dízimo que o interpelara na esquina.

Passou dias com um arrepio estranho, que ia e vinha; um quê incomodativo na boca do estômago. Parou o olhar na negra mais tempo: estava linda como ela só, sempre de sorriso na boca.

O seu burburinho interior aumentava. Aquietou-se, cabisbaixo e agastado.

A dúvida lhe comia as entranhas e, então, disse à sua negra que iria trabalhar na cidade vizinha e só voltaria aos finais de semana. Disse olhando pela janela. Não queria ver-lhe o semblante, não queria antecipar suas dores.

Não adiantou. Elas vieram.

Primeiro a raiva e o ódio lhe queimando por dentro, quando encontrou Maria da Conceição amparando outro corpo que não o seu. O corpo viçoso, mulato e nu transpirava desejo enquanto as cadeiras recebiam o estranho. Depois, aquela ausência de sentir quando atirou nos dois, ainda na cama.

As dores e os demônios lhe encontraram logo em seguida, já quando dobrava a esquina, com a arma na mão. E ainda não lhe abandonaram. Dão-lhe uma trégua, às vezes, como agora, enquanto apenas o corpo permanecia naquele salão, mas voltarão para assombrar suas noites e dias.

Longos vinte anos. Os primeiros, de felicidade, quando era vivo; e esses, da pena, que acaba de receber.



**Humbertho Hartmann
Philippsen**

Advogado, formado pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FADISMA).

VIVÊNCIAS

VIVÊNCIAS I - DÚVIDA

Crimes de mesmo sangue,
entre os nós do desejo,
nestes repentes de graça,
boa aventura e paz,
nestes quebrantes do tempo,
marcados à chama da vontade,
da sabedoria e dos passos,
fulminam os corações
com a mais voluptuosa dúvida:
Terá mesmo evaporado tudo
na distância entre a boca
e o beijo?

VIVÊNCIAS II - ALFORRIA

Queria me vestir de você
um segundo que fosse,
um instante para,
tempo e espaço, num só,
trazerem esse que é o paladar
do seu sorriso e da sua voz,
como o entardecer na primavera,
recheado de quão malemolente calor,
a dizer adeus sabendo que outrora
retornará do limbo da saudade,
pleno de gozo,
entrega e desejo!

VIVÊNCIAS III - INQUIETAÇÃO

Imerso na disputa por espaço,
vaga rente ao inóspito melodrama do fracasso
o emblema do imediatismo e da conformidade.
À felicidade, tal acontece com a música,
não se direciona qualquer contraindicação.
Basta, por isso, na corda-bamba de sombrinha,
saber o limítrofe abismo que há
entre o muito e o demais!



Jauro Von Gehlen

Desembargador aposentado do TJRS, advogado do DAJ/
AJURIS.

PENÉLOPE

Tece, Penélope!
Singra Odisseu águas remotas...
Traça em teus fios segura rota.

Tece, Penélope!
À nau perdida ameaça a ruína...
Urde um farol, luz na neblina!

Tece, Penélope:
Na tela abafa o teu queixume...
Sublima em arte a dor do ciúme.

Tece, Penélope!
O teu tapete é um grito em prece,
Que Zeus acorda e o compadece.

Tece, Penélope!
Há mais apelos na tua teia
Que o raro canto da Sereia.

Tece, Penélope!
Nem Circe tem tal privilégio...
É o dom da espera o sortilégio!

Tece, Penélope!
Desfiando à noite o fiado ao dia.
É o recomeço a ousadia.

Tece, Penélope!
Há um infinito em tua tela
Pois esperança é o nome dela.



José Carlos Teixeira Giorgis

Desembargador aposentado. Coordenador do Memorial do Judiciário do RS.

A VIAGEM

Sempre que subo no ônibus para Três Cerros me assalta a lembrança da viagem que realizei. Ainda hoje investigo quem senta ao meu lado, mas o fato não se repetiu.

Vim para Porto Alegre preparar o concurso para carreira jurídica. Meu pai era o guarda-livros de uma charqueada, assíduo e diligente, resignado com a vida provinciana e a leitura de seus clássicos, bem-arrumados em encadernações de couro e lombada na biblioteca de portas de vidro. Filho de fazendeiro, crescera na Europa, graça ao acervo de meu avô, afeiçoado no casamento com distinta herdeira de léguas de campo.

Minha mãe atendia às rotinas domésticas, era oriunda também de boa família. Lembro que no inverno aquecia meus lençóis com ferro de passar, prevenindo resfriados, senão o médico afastava a língua com colher de prata para ver as placas, depois muito chá e repouso. Recatada e sóbria, como mulher de seu tempo, concordava com a vocação que meu pai me assinalara.

O bacharel – dizia enquanto folheava um trecho de Eça – é o futuro da Nação, pois além do escritório, pode ser promotor público, funcionário público.

Para não contrariá-los, pois então me seduzia decifrar corpos e almas ou usar o poder mágico da cura, entendi razoável abdicar a medicina e me mudei para a capital.

A pensão que me hospedou era de um casal amigo. O dono tinha um parentesco remoto, eis que seu cunhado fora marido de uma prima de minha mãe.

O quarto era agradável, a rua parecia interior, muitas árvores, barulho de pássaros, a visão do rio. De manhã o bonde me deixava no centro, freqüentava os preparatórios. O professor de latim exigia tradução perfeita de Virgílio e Cícero, insistia na ordem direta.

Escutava um pouco de rádio depois do almoço, assumindo a luta com a gramática, meu gosto era o verso; às vezes rabiscava a carta semanal contando as novidades poucas e pedindo dinheiro. Nada de cinema, o resto da mesada breve reservava para a compra num sebo.

Mas estou a me desviar do alvitre que me veio.

No feriado rumava para casa, acordando cedo para atravessar a balsa, a água com bocejos, as estrelas ninando sereias.

Naquele dia não atentara muito para a dama ia me acompanhar. Seu semblante não era estranho, o rosto mediano, porte firme, olhos fugazes, uma pessoa simpática.

Depois de trocar protocolos, e como a convivência até a fronteira seria longa, acomodei-me para o livro inconcluso, o que não era próprio, a estrada conspirava contra a leitura.

Em alguns momentos, quando o veículo se desviava de algum buraco ou manobrava em curva, nossos braços se tocavam. Estranhei que não retirasse o seu com a rapidez que a civilidade exigia. As mangas de seu vestido eram curtas e, fazendo calor, a tepidez de sua cútis impregnava minhas carnes, como se as epidermes se saudassem.

Encorajado, deixei o braço no espaldar e assim fomos por horas até desaparecer o sol.

A viagem noturna ajudava a fantasia. Sem meio para ler, inclinei para um repouso, mas confesso que todos os sentidos

estavam despertos, adivinhos da poltrona vizinha, a pele quente, aguçada.

De repente, seu ressonar débil se aproximou de meu ombro e a cabeça pendeu delicada, como a pluma que afunda lenta. Não sei quanto tempo correu assim, talvez dormisse, mas sei que sonhava. e eu contemplando seu movimento graciosos, cada alento empinando os seios.

Como seu repouso prolongava, talvez açulado pela audácia jovem que tudo escusa, cheguei a boca em sua testa, ancorando como barco que se ajusta pávido de escolho ou viga, mas seguro, arrogante.

E assim foi em suave fôlego, ela reclinada em mim, o brando sopro dos lábios desafiando a tensão de meus músculos, e eu opresso, vigiando sua passividade, imóvel, temendo despertá-la.

O aroma e o sal me inebriavam, e espreitava sua inocente tez, medroso que me surpreendesse.

Quando o ônibus estacionou e as luzes se acenderam, acordou de brusco, como se ressuscitasse de letargia amena.

– Desculpe, acho que adormeci.

Apanhou as valises e desceu ao encontro do homem que a beijou, sorrindo-me enquanto o abraçava. Depois saíram da rodoviária.



José Carlos Laitano

Magistrado in pensione, escritor, Diretor Cultural da AMB.
Obras publicadas: www.josecarloslaitano.com.

DE MENOR

Meu pai voltou pra casa e, no primeiro mês, fez sexo com minha mãe todas as noites, às vezes de tarde, às vezes duas ou três vezes seguidas, meu irmão ficava assustado pensando que ele estava batendo na mãe, com seus seis anos não entendia dessas coisas, mas eu, sim, afinal tinha completado os doze, sentia coceira dentro de mim e meus seios estavam de bom tamanho, os pelos crescendo, achava ruim aquelas cenas diárias, mas compreendia que eles eram marido e mulher, marido que retornara à casa, eu fechava a porta do quarto, mas mamãe gemia, na verdade berrava, a vizinhança toda ouvia, ela nem tava aí, eu é que morria de vergonha, depois dos gemidos, ela saía do quarto em direção ao banheiro vestindo a camisola, segurando um pano entre as pernas, rindo faceira, o meu pai enrolado numa toalha, no começo, porque um dia ele saiu pelado, aí foi a minha vez de gritar e correr para a rua.

No mês seguinte as sessões diminuíram, os gemidos de minha mãe ficaram semanais e, depois, nem isso, meu pai afastava-se de casa por vários dias, diz-que era trabalho, mas retornava perfumado e ar descansado, esse devia ser um trabalho bom, nesse dia eu já sabia, a noite seria longa, repleta de gemidos e gritos e, pela manhã, as mulheres da rua olhavam-me como se fosse eu a gritona, morria de vergonha, mas era obrigada a ir até a venda buscar pão e leite, ia com meu irmão, para disfarçar, mas pouco adiantava, ele também sofria, nem tirava os olhos dos sapatos.

Daí a desgraça surgiu, a primeira, minha mãe morreu, ninguém sabe do quê, ficamos com meu pai que jurou cuidar

de nós e no primeiro mês não trabalhou, ao menos não ficou fora todo aquele tempo da semana, mas, no mês seguinte, apareceu com uma mulher, por sinal feia, foi uma noite só e nada dissemos, meu irmão e eu, um outro dia, eu estava tomando banho e esqueci de trancar a porta, meu pai entrou, afastei-me da cortina de plástico para não ser vista, percebi seu vulto aproximando-se do vaso e urinando dentro da água, fazendo barulho, saiu, deixando a porta aberta, uma outra vez ele bateu na porta com força, dizia ser urgente, precisava ir ao banheiro, não podia esperar, abri a porta e corri para trás da cortina, ele urinou, abriu a cortina, havia errado a mira e respingado na perna, vestia calção, virei-me para a parede, ele entrou, deve ter tirado a roupa porque senti uma coisa dura encostando na minha nádega, ele lavou-se e saiu, eu passei sabão o mais que pude no local.

Então a desgraça aconteceu, a segunda, ele me pegou, quando negaceei, ele bateu na minha cabeça, depois no rosto, meu irmão quis interferir e foi jogado contra a parede, parecia um animal raivoso, subjugou-me, fez o que quis, outro dia de novo e de novo, fugi de casa com meu irmão, mas ir aonde? ele buscou-me e me trouxe pelos cabelos, as mulheres da rua ficaram atrás das portas, virei mulher de meu pai, ele nem fechava a porta do quarto, meu irmão permanecia na sala escutando tudo e depois nem olhava pra mim, coitado, isso durou muito tempo, acho que anos.

Um dia meu irmão entrou com um saco de pão e uma coisa enrolada, colocou debaixo do colchão, olhou-me com olhos de homem feito, homem com raiva e decidido, e avisou-me: não mexe ali, percebi que alguma coisa séria devia acontecer naquela casa, e aconteceu, meu pai voltou para casa depois de ficar fora durante dois dias e logo levou-me para o quarto mas, antes que eu tirasse a roupa, meu irmão surgiu

com o revólver na mão e mandou que meu pai me largasse, foi obedecido, mas meu pai parecia um leão acuado, desses que recuam alguns passos preparando o bote, coloquei-me ao lado do meu irmão e disse que era coisa minha, responsabilidade minha, ele entregou-me a arma, aproximei-me de meu pai, encostei o revólver na sua virilha e disparei, ele arregalou os olhos fitando-me, curvou-se levemente para a frente e permaneceu imóvel uma eternidade, pensei em disparar o segundo tiro quando ele, trôpego, caminhou até a porta da rua onde caiu com o braço espichado, pedindo socorro mudo.

Não lembro o que aconteceu, parece ter ouvido uma sirene e deve ter sido de ambulância porque ele foi levado para o hospital onde permaneceu vários dias e, quando reapareceu, carregava um vidro amarrado ao lado da cintura e uma mangueirinha saía do vidro e entrava no meio das pernas dele, para o resto da vida, quando vi, nem senti pena, pensei apenas no meu irmão, se ele ia pagar pelo que fiz, agora recordo que ouvi duas sirenes, a outra devia ser da polícia, porque fui levada para a delegacia e, mais tarde, para o presídio feminino, sou de menor, protestei, mas não havia outro lugar, tinha ouvido história pela tevê de mulheres que estupram e matam lá dentro, principalmente quando a vítima é criança, eu sou criança, seria atacada também?, por via das dúvidas preparei o espírito, estupro de mulher deve doer menos, deve ser com os dedos, mas não, elas olharam-me com um certo respeito, acho até que com admiração, bancaram minhas mães, me protegeram durante o tempo que ali permaneci.

Agora estou nesta casa, chamam de abrigo, até os dezoito, mas aqui as mulheres são quase da minha idade e tem uma que mais parece homem, quando me olha é como se quisesse me comer, e estou sem a companhia de meu irmão e sem revólver.



José Nedel

Graduado em Filosofia, Letras Clássicas e Direito. Mestre e doutor em Filosofia. Juiz de direito aposentado e professor universitário. Autor de *Crítica da razão popular*, 1990; *Em defesa da vida* (coautoria), 1994; *Maquiavel: concepção antropológica e ética*, 1996; *A teoria ético-política de John Rawls*, 2000; *Ética, direito e justiça*, 2ª edição, 2000; *Ética aplicada: pontos e contrapontos*, 2004; *Ética e discurso*, 2006; *A curvatura da razão* (poemas), 2ª edição, 2009; *A vez do verso: sonetos*, 2011; *A vez do verso: quadras*, 2012 (no prelo).

ESTALO DE VIEIRA*

Por mais que haja tentado e ainda queira
Ultrapassar, na ação e pensamento,
O *status* ordinário, isto lamento:
Nunca tive um “estalo de Vieira”.

Assim fiquei malhando em minha eira,
Em que qualquer progresso ou fomento
Decorre de um empenho austero e lento,
No decorrer de uma existência inteira.

Do céu não cobro chuva de maná:
Eu mesmo aqui preparo o meu fubá.
Com muito afinco e algum engenho eu ralo.

Aliás, o certo, a história o assegura:
Obra que vence o tempo, na cultura,
Têm mais de esforço estrênuo que de estalo.

*Luz súbita, iluminação. “Súbita e miraculosa compreensão de algo até então nebuloso” (Márcio Cotrim, *O Sul*, 25-07-11).

“O maná cessou no dia seguinte àquele em que comeram dos frutos da terra” (Js 5, 12).

The background features a collection of large, white, stylized letters and symbols (including 'p', 'a', 'p', 'F', 'f', 'g', 'K', 'O', 'j', 'L', 'A', 'V', 'I', 'K', 'O', 'j', 'L', 'Q', 'y', 'C', 'D', 'b', 'z') scattered across the top half. Below this, a graphic of an open book's pages curves upwards from the bottom center, creating a sense of depth and movement.

Juremir Machado da Silva

Escritor, tradutor, ensaísta, jornalista, historiador e professor universitário. Doutor em sociologia pela Sorbonne. Assina coluna diária no Correio do Povo e apresenta o programa Esfera Pública, na Rádio Guaíba. Obras mais recentes: *História regional da infâmia* (L&PM, 2010), *Vozes da Legalidade* (Sulina, 2011), *Um escritor no fim do mundo* (Record, 2011).

O FIM DAS IDEOLOGIAS

Depois da queda do Muro de Berlim, em 1989, o mundo nunca mais foi o mesmo. Depois do 11 de Setembro de 2001, então, aí mesmo é que o mundo nunca mais foi o mesmo. As mudanças de valores e de comportamentos não param de acontecer. É a aceleração mais vertiginosa da história. As evidências dessa metamorfose estão por toda parte.

– Como vai, Romualdo? Soube que você mudou de partido.

– Mudei. Não suportava mais o PSTB.

– Mas você mudou da esquerda para a direita. Logo quem! Eu sempre achei que no seu caso isso seria impossível.

– Não existe mais esse negócio de esquerda e direita, Zé.

– Não?

– Claro que não. Isso é só conversa fiada da esquerda.

Parece definitivo: as ideologias acabaram. O epitáfio das ideologias é apresentado todos os dias.

– Mas e a ideologia como fica, Romualdo?

– Isso acabou. Não existem mais ideologias. Já era. Só quem se interessa por ideologia são os esquerdistas anacrônicos, gente que ficou grudada no passado.

– Ah, bom! Por que isso, Romualdo?

– Ora, por ideologia.

– O marxismo é uma ideologia?

– Claro, a mais resistente.

– Mas os marxistas sempre acharam o marxismo científico, uma ciência capaz de revelar os mecanismos da ideologia.

- Ciência coisa alguma. Pura ideologia.
- E a sua nova posição?
- É neutra, científica.

Em todos os campos, pode-se notar a grande mutação. A família mudou. Já não estamos no modelo convencional. O núcleo tradicional fracionou-se. São muitas as novas possibilidades. Um aspecto, porém, permanece, o fator de ligação, o elo, o vínculo, o chamado laço social: o amor.

- Vão passar o Carnaval no Rio, Evandro?
- Não vai dar.
- Que coisa! Vocês sempre gostaram. Não me lembro de algum Carnaval, nos últimos 40 anos, sem vocês no Rio.
- É, muita coisa mudou.
- Por exemplo?
- Não temos com quem deixar as crianças.
- Crianças?
- Um problemão.
- Mas a Pat e o Lucas já não andam pelos 30?
- Sim, estão adultos, já formaram família. Já somos avós, sabia? Temos dois netinhos adoráveis, dois guris.
- Vocês cuidam deles para a Pat e o Lucas?
- Não, de modo algum. Ficam na creche.
- E as crianças, então?
- A Ju e o Lu.
- Adotaram um casal?
- Compramos.
- Tráfico de criança, Evandro?
- Dois cachorrinhos lindos, Carlão.

DISCO VOADOR

Um objeto voador não identificado desceu em Palomas na última quarta-feira. Houve correria, agitação, gritos, suspiros, tiros, tudo. Uma foto tirada com um celular flagrou o momento em que o aparelho aterrissou na vila.

– É um Ovní – sentenciou Guma, o oráculo.

– Só se for de avestruz – espantou-se Candoca.

– É o Luan Santana – gritou uma “prendiguete”, tentando tirar a calcinha para jogá-la na direção dos estranhos, mas se maneando no vestido e quase caindo de costas.

– É o Harry – suspirou uma adolescente.

– Harry! Que Harry? – espantou-se Candoca.

– Potter, seu velho ignorante – suspirou a adolescente.

– Potter ou Harry? – espantou-se Candoca.

– Harry Potter – desmaiou a guria.

– Harry não tem disco voador, idiota – rebateu outra guria, sem receber qualquer resposta da pobre desmaiada.

Nunca se tinha visto confusão maior em Palomas. Nem mesmo nas melhores carreiras de cancha reta disputadas por William Bonner e Faustão. Nem sequer nas lutas de UFC entre Minotaura e Gaudêncio Costa de Cerro. Nem nas rinhas de galo. As entranhas do Ovní abriram-se com um barulho de rolha de espuma. Uma escada surgiu do ventre da baleia (“Parece uma porca”, exclamou Nicácio). Uma luz forte cobriu a saída do equipamento. Eram os enviados especiais da mídia interplanetária. Onze indivíduos começaram a descer. Vestiam-se todos da mesma maneira. Caminhavam lentamente. Era um andar, ao mesmo tempo, solene e um tanto enfadonho. Parecia

haver machos e fêmeas entre eles. Repentinamente, um deles falou algo.

– É português! – espantou-se Candoca.

– Claro que não, velho ignorante – suspirou a adolescente refeita do desmaio, mas ainda com um ar alucinado.

– O que ele disse, Guma?

– Nada demais. Coisa simples.

– Ah, é? O que mesmo, velho ignorante? – suspirou a adolescente mala com um olhar cada vez mais alucinado.

– Respeito com o oráculo – ralhou a mãe da guria.

Os visitantes portavam estranhas vestimentas. A expressão dita por um deles continuava ressoando nos ouvidos dos palomenses, mas ninguém se atrevia a repeti-la, como se temessem uma maldição ou uma explosão solar.

– Sim, ainda há essa possibilidade – disse o estranho.

– Eu não disse? É português – espantou-se Candoca.

– Claro que não, velho ignorante – era a guria.

– De embargos infringentes – completou o ET.

– Eu não disse, velho ignorante, que não é português?

– O que ele falou, Guma? – espantou-se Candoca.

– Nada demais. Coisa simples.

Os estranhos cobriam-se com capinhas pretas. A de um deles tinha até rendas. O vento trouxe um fragmento de conversa aos ouvidos de todos, uma única expressão, mas que arrancou um “óóó” estridente e continuado, um uivo:

– Non bis in idem...

– Quem são eles? – espantou-se Candoca.

– ETs, velho ignorante – disse a guria. E desmaiou.



Leonel Pires Ohlweiler

Desembargador do Tribunal de Justiça do RS. Mestre e Doutor em Direito. Professor de Direito Administrativo. Autor do livro *Direito Administrativo em Perspectiva. Os Termos Indeterminados à Luz da Hermenêutica*. Ed. Livraria do Advogado. Autor de artigos sobre Direito Administrativo e Hermenêutica Filosófica. Aluno da Oficina de Criação Literária Alcy Cheuiche.

TRABALHO

É outro dia tórrido e escaldante no interior da repartição. Mais uma vez o ar condicionado está estragado. A pilha de documentos para despachar nunca termina. De segunda à sexta, esta é a rotina dele.

– Aqui está, Sr. Sísifo!

– Hum. Mal retruca e sequer olha para Pedro. Nem precisa, pois vê o entregador todos os dias e no mesmo horário. A tarefa de João Sísifo tornou-se burocrática: pega os documentos, completa a planilha no computador, chama Pedro e entrega a produção do dia. A preocupação constante com mapas de produção não o abandona. Amanhã e depois, nova pilha, computador e Pedro... A vantagem desta rotina de serviço público era não permitir a consciência do absurdo.

Os anos passam e o destino não foi capaz de libertá-lo. Ainda continua lotado no mesmo setor e preenche planilhas no computador, conforme modelos prévios vindos dos andares superiores.

– Onde posso deixar os documentos? Pergunta uma voz doce e calma, mas desconhecida de João Sísifo. Como sempre faz, aponta com o dedo indicador da mão esquerda:

– Hum, ali.

Naquele dia, tomado por uma atenção inesperada, olha para o entregador e surpreende-se.

– Quem é você?

– Célia. O Pedro está doente e estou o substituindo.

Imediatamente quando olha para aquela morena sente algo há muito aprisionado e esquecido. Ela era linda, com olhos castanhos e vivos. E o perfume! João Sísifo nunca sentiu aquele cheiro de frutas cítricas, misturado com suor.

Mas, como na repartição tudo é muito rápido e fugaz, ele só tem tempo de perguntar:

– Qual o seu ramal?

– É o 002, responde Célia com voz meiga. Anda na direção do corredor e olha para trás, como se algo impossível houvesse no ar.

No dia seguinte, ao chegar à repartição, João Sísifo não se contém e liga para o 002.

– Alô, aqui é João Sísifo, posso falar com a Célia. Estou aqui no Setor de Documentação. De onde fala?

Após uma breve pausa, a atendente responde:

– Sr. Sísifo, a Sra. Célia é aqui também do Setor de Documentação. Trabalha aqui há mais de sete anos. No momento não está.

Ele fica imóvel, pensativo por alguns instantes. Desliga o telefone e termina a pilha de papéis do dia anterior. Cumpre o destino... ou a sua liberdade.



Lilia Maria Vidal Machado

Funcionária pública aposentada. Autora do livro *Meus Pensamentos*, Alcance Editora, 2003.

UM CASO DE VIDA OU MORTE

Poderia liquidá-lo com um só golpe, mas quero vê-lo sofrer. Quero vê-lo agonizar nas minhas mãos, até o último suspiro. Esta será a minha vingança!

Jovem, indefesa e tola, deixei-me levar pela sua lábia, pela sua sedução. E aos poucos, estúpida que fui, caí lamentavelmente na sua armadilha.

O que foi que eu ganhei? O despreço de muitos, o espanto de outros. Porque, agora eu sei, ele é desprezível! É um elemento nocivo à sociedade.

E dizer que, no principio, era até com orgulho que eu me apresentava com ele em público. Que prazer eu sentia na sua companhia! Pouco me importava os olhares maledicentes ao nosso despudor. E fazia-me surda às palavras de censura. Achava que era inveja das mulheres e despeito dos homens. Que vergonha! O tempo ia passando, e eu me deixando envolver cada vez mais.

Até que, um dia, alguém que o conhecera profundamente tentou convencer-me de que ele era falso e mal-intencionado. Que dentro em pouco eu seria mais uma de suas vítimas.

Assustei-me, é claro, mas não queria acreditar. Não podia ser. E mesmo que fosse, como romper de um dia para outro um relacionamento tão íntimo e de tantos anos?

No entanto, passei a vê-lo com outros olhos. Comecei a estudá-lo. E compreendi que era verdadeiro o que me fora dito. Apavorada, constatei que ele jamais havia pensado em

um futuro para nós dois. Bem clara ficou a sua má intenção!

Foi então que decidi matá-lo, mesmo que isso representasse para mim um grande sacrifício.

Embora eu não possa ainda viver sem ele, passei a sentir um certo constrangimento nos nossos momentos a sós. Um certo medo. Tenho até procurado refrear os meu arroubos. Preciso adquirir coragem para executar o meu plano.

Meu único receio é que, ao perceber a minha intenção, ele não me deixe levá-la a cabo. É muito persuasivo e, o que é pior, sabe que ainda sou louca por ele.

Mas hei de ter força! Eu prometo, eu garanto, eu juro que há de chegar um dia em que atarei fogo no último cigarro!



Luiz Antonio de Assis Brasil

Professor, romancista, ensaísta, cronista, Doutor em Letras, Secretário de Estado da Cultura do RS. Assina coluna quinzenal no jornal Zero Hora. Comanda a mais antiga Oficina de Criação Literária do Brasil, fundada por ele em 1985. Obra mais recente: *Figura na Sombra* (romance), L&PM Editores, 2012.

O FIM DO MUNDO

Volta e meia, patéticas e risíveis notícias do fim do mundo assombram a cultura ocidental. Outras culturas, embasadas noutras religiões e noutros valores, falam, sim, num fim do mundo, mas nada imediatamente previsível; situam-no num horizonte milenar – e nesse caso estão certíssimas, pois a ciência prevê o fim do mundo para daqui a alguns bilhões de anos, e irá acontecer de maneira tão gradativa que a espécie humana há muito já não existirá.

Mas a que se deve a recorrência do temor de uma próxima hecatombe universal? Seria bastante simplório creditarmos isso a uma metafísica noção de pecado a exigir corretivo.

Podemos encaminhar esse assunto se pensarmos numa perspectiva que subsume de modo cabal a ideia de punição. Os anúncios do fim de mundo começaram sua série com a civilização, com a sociabilidade e as conquistas da ciência e da filosofia. Surgiram quando o ser humano começou a pensar criticamente sobre sua existência. De início algo elusivo, epidérmico; depois, um pensamento que, por inorgânico, tornou-se mais assustador: tratava-se da certeza de que tanta civilização infringia algum desígnio superior. Algo metaforicamente representado no mito de Prometeu.

Essa ideia, com seu quê metafísico, foi substituída pela consciência atual, pós-judaico-cristã, de que avançamos demais, possuímos coisas demais, e isso ficará incompreensível e incontrolável. Lembra a ideia da punição, mas num plano meramente ôntico, para usarmos a expressão de Heidegger.

Acumulamos saber demais, ciência demais, e, nos dias de hoje, tecnologia demais; a mesma tecnologia que nos ajuda a viver – e sobreviver – é, também, uma anomalia intelectual que substitui por exclusivo, em algumas cabeças deslumbradas, a reflexão de longo curso.

Nesses parâmetros, o fim do mundo fará com que tudo comece de novo; isso poderá nos obsequiar com a risonha sensação de recuperarmos a candidez perdida, quando não dependíamos dessa humilhante parafernália. Tudo novo, tudo limpo, recomeçaremos inventando a roda.

Ficando pelo raso, não custa lembrar a frase do Grilo, o criado de Jacinto de Tormes, quando perguntado de que doença, afinal, sofria seu patrão. Para Grilo, a resposta era simples: “Sua Excelência sofre de fartura”.

Talvez seja o nosso caso.

Um bom e honesto fim de mundo virá dar jeito nisso tudo.

CAMINHÃO DO LIXO

Chuva oblíqua
e vento iníquo
fustigam os lixeiros
com suas capas plásticas
azuis/pretas e amarelas
jogando sacos plásticos
pretos/amarelos e azuis
na boca suja
do caminhão de lixo.

Os lixeiros zombam, riem, correm
com suas capas plásticas
amarelas/azuis e pretas.

O neon azul sobre os sacos plásticos
amarelos faróis sobre o asfalto preto
a chuva oblíqua e vento iníquo
amanhã existirão o céu azul,
sol amarelo, pretos corvos
moscas azuis, crianças pretas
e amarelas rompendo
de modo drástico,
o saco plástico
do imundo lixo do mundo.

GOTEIRA NOS OLHOS

Mano, volta pra casa comigo.
Está previsto nos astros:
um dia te encontraria
para te levar em meus braços.

Nada sei de teus rancores,
de tuas vazantes e cheias.
Aquela terra é teu lugar no mundo.
Teu sangue corre por nossas veias.

A gente também se extravia,
como se extravia uma ovelha.
Se tens goteiras nos olhos,
vamos mudar essas telhas.

Bem sabes o que nos aguarda,
um prato limpo e uma enxada.
De tanto esperar, nossa mãe
cobriu os cabelos de geada.

A verde brotação da lavoura.
O leite. O mel. E o figo.
A cria nova nos campos.
Mano, volta pra casa comigo.

O DIA DA INAUGURAÇÃO DO MUNDO

“O melhor do mundo são as crianças”

Fernando Pessoa

O mundo estava pronto
ao findar do sexto dia.
Água e terra, lado a lado
na mais perfeita harmonia.

Então uma pedra falou
com sua voz um tanto aguda:
“Eu gostaria de andar!”.
E Deus fez a tartaruga.

E depois uma montanha
com sua voz trovejante
pediu para ser bicho,
e Deus criou o elefante.

E a lua que se refletia
em águas claras, pacatas
disse que queria nadar
e se fez peixe de prata.

E quando a folhinha verde
expressou os sonhos seus
de saltitar entre os galhos
se tornou um louva-a-deus.

E as nuvens que cobriam
de branco o céu inteiro
resolveram se transformar
num rebanho de cordeiros.

E o sol, com pinta de rei,
quis também sua mutação:
por ter uma juba dourada
Deus fez do sol um leão.

E no seu galho uma flor
com vozinha de opereta
pediu que queria voar.
E Deus fez a borboleta.

E a estrela brilhante
vendo a onda se elevar
pediu para descer às águas
e hoje é “estrela-do-mar”.

E um anjo que estava perto
(até nem me lembro o nome),
gritou que queria ser Deus.
De castigo virou homem.

VIDA

Arde em mim uma saudade antiga
um gosto de pomar em maçã tenra
como se fosse da semente a fruta
que caindo longe sente-se perdida.
Arde em mim embriagada vida
essa saudade se desfaz sozinha
como do cálice fosse a bebida
como da estrada se fosse a lonjura
como dos passos a sombra esquecida
como da sorte o rumo a procura.
Arde em mim um contorno de poente
sol presente onde longa treva se fazia
e adiava assim a semente de outro dia .
Saciava de fome a conquista
como se fosse do trigo a espiga
A balançar madura sob a ventania.



Martha Medeiros

Escritora, jornalista e cronista. Mantém coluna semanal no jornal Zero Hora e escreve para a revista *Época*. Publicou seu primeiro livro, *Strip Tease*, em 1985. Entre seus trabalhos, destaque para *Divã* (2002), romance que originou um filme e série de TV, estrelado pela atriz Lília Cabral

A MULHER E O GPS

Numa mesa de restaurante, um grupo conversava animadamente sobre relacionamentos de longa duração - estavam ali casais que contabilizavam mais de 20 anos de casados - até que uma das mulheres começou a expor as diversas razões que fizeram suas núpcias com o marido durarem tanto tempo. Entre outras coisas, porque eles tinham muitas afinidades, eram muito pacientes um com o outro, gostavam de viajar juntos, prezavam a família, tinham os mesmos sonhos... E ela foi se empolgando, se empolgando. Quando não faltava quase nada para iniciar um relato minucioso sobre os momentos íntimos entre lençóis, o marido, presente à mesa, largou um “Não delira, Vanessa. A gente está junto até hoje por um único motivo: porque inventaram o GPS”.

Silêncio. Alguém havia entendido a piada?

Deu-se então a explicação. “A Vanessa até que é boa gente (gargalhadas generalizadas), mas eu já não conseguia andar com ela no carro. Era um tal de vira à direita, cuidado que o sinal vai fechar, a próxima rua é contramão, tem uma vaga atrás daquele carro preto, ali, está vendo? Aqui, aqui!!! Falei. Agora quero ver você achar outra vaga. Só entrando na segunda à esquerda pra fazer o retorno.

Vocês estão me entendendo? A Vanessa não conversava durante o trajeto, não ouvia a música que estava tocando, não apreciava a paisagem. Confiar no meu senso de orientação, nem pensar. Não sei até hoje se ela me considera capaz de interpretar uma placa de trânsito. Era o tempo todo: entra na

próxima, aqui é rua sem saída, por ali a gente vai se perder, não ultrapassa agora porque já já você vai ter que dobrar à direita, por que foi pegar essa avenida movimentada se a rua de trás está sempre livre?

O GPS salvou nosso casamento”.

Até a Vanessa começou a rir. No minuto seguinte, os outros homens da mesa estavam reclamando da mesmíssima coisa, todos narrando o seu próprio filme de terror a cada saída com a esposa, inclusive aproveitando para contar exemplos bem recentes – de uma hora atrás! – quando saíram de casa para encontrar os amigos naquele restaurante escondido numa ruazinha incógnita da zona sul. Se tivessem encontrado um cartório no caminho, teriam parado para se divorciar.

Algumas mulheres não acharam tanta graça, deram uns resmungos, chamaram os maridos de exagerados, mas a Vanessa, desarmada, seguia rindo fácil, rindo à toa, rindo dela mesma, que é a risada mais generosa que há. Foi então que olhou para o marido com tanta cumplicidade e tanta graça, aquele olhar de quem pede desculpas por ser do jeito que é, que ele não teve alternativa a não ser abraçá-la e confidenciar à mesa, assim que as vozes baixaram o volume:

“Não foi só o GPS. Esse sorriso também ajudou”.

Dizem que os dois se perderam na volta pra casa, mas aposto que foi de propósito.



Nei Pires Mitidiero

Juiz de Direito aposentado. Advogado e escritor. Autor de *Comentários ao Código de Trânsito Brasileiro – Direito e Trânsito e Direito Administrativo de Trânsito, e Crimes de Trânsito e Crimes de circulação Extratransito.*

O PETIÇO VOADOR

Era chegado o momento do passeio dos corredores, uma hora antes da carreira.

E meus olhos meninos de recém 13 anos se espantaram e se maravilharam ao verem o cavalinho baio barrigudinho, crinas brancas esvoaçantes na brisa que soprava do cerro Branco.

Era esse um vistoso morro, quase montanha ao rebrilho do sol nas pedras esbranquiçadas das encostas do cimo, que, tal qual guardião do tempo e dos segredos dos seres imaginários, espreitava o petiço a galope, as patas flutuantes sobre a areia da cancha reta da vila do Cerro Branco, apinhada de carreiristas de todo lugar na tarde de setembro em que o vilarejo vicejava, ainda distrito de Cachoeira.

Mas, arregalaram-se mais e mais quando deram com a rival cara branca de patas brancas, alazã amarela, enorme égua puro sangue inglês, que nunca perdera carreira, perdendo, sim, de vista os incautos corredores que ousaram enfrentá-la.

E não é que o Jovelino, dono do petiço baio – que nunca saiu da raia do Cerro Branco –, havia hipotecado o seu sítio para obter o dinheiro apostado nas patas do petiço na carreira contra a vistosa alazã de quatro anos, de luxentas vitórias pelo Pampa afora – contava-me o pai, enquanto contava os trocos para apostar... no petiço baio.

Não vejo jeito. Como é que esse barrigudinho, pai, vai ganhar daquela grandalhona, ainda por cima de patas brancas que dizem não tocar o chão de tão ligeira? – disse, sem

entusiasmo. O velho apenas sorriu meio-sorriso, como se soubesse de algo a se lançar, logo, para o assombro de todos.

Na verdade, o petiço baio parecia uma miniatura de porcelana de tão bonito. Os olhinhos vivos, pequenote ele todo, o olhar desconfiado para a bela alazã. Eu vi, e revi, ele, o barrigudinho, não temia a lindaça. Ao contrário, parecia ter ganas de enfrentá-la. Mascava e mascava o freio, volta e meia, meio de soslaio, virando as suas negras e cintilantes pupilas para as castanhas dela. – Como é bonito! – admirava-me a um canto, desconfiando do petiço.

Apostas feitas ao longo do corredor de grama que margeava a cancha reta, os parceiros se dirigiam para os boxes de largada. Primeiro passou por nós a fogosa alazã de orelhas em pé. Inquieta, parecia querer largar dali mesmo. Nossa Mãe! Essa carreira não vai ter nem graça. Coitado do petiço! – pensei.

Veio o baiozinho. Sereno, caminhava na raia. Palavra de honra! Olhei para ele e ele me olhou. Meio que mostrando os dentes, balançava a cabeça pra baixo e pra cima como a dizer: aposta em mim.

Eram trezentos metros da areia fofa a zunir.

E lá se vieram e para espanto de todos – menos do Jovelino e do pai, que exultavam –, numa ligeireza nunca vista o petiço se foi pra frente. Chico Preto, o seu algoz ao relho, não o usava. O petiço voava. Mas a cara branca apanhava, apanhava e rendia e do baiozinho se aproximava e nele encostava. A cem metros da chegada, na minha frente, a alazã e o petiço estavam cabeça a cabeça e, neste momento mágico – eu vi!!! –, o baiozinho revirou os olhos, enfrentou-a cara a cara e dela se despediu, disparando feito um bólido, deixando para trás a velocíssima inimiga.

Ganhou a carreira. E a minha admiração pro resto da vida.

E enquanto Chico Preto, o jóquei vitorioso, sob os louros da vitória voadora, ia dormir no galpão, o petiço baio barrigudinho e de crinas brancas empurrava com a cabeça a porta da baia, saía mansamente e alçava voo em torno do cerro, uma, duas, três, várias voltas ao redor das escarpas brancas do cerro Branco.

Do seu quarto, perto do estábulo, à janela, Chico Preto via-o voar. Todos viam.



Ney Bittencourt Pereira

Físico.

O NÃO DITO

Vaticinara o oráculo:
De Andrômeda virá a princesa.
Num átimo, o infinito será transposto,
Distâncias se anularão.

A Lua dançou inebriada,
Estrelas erraram pela vastidão azul do universo,
Rosas flóreas tomaram o espaço-tempo.

Profetizara o oráculo:
De Andrômeda surgirá a princesa.
Galáxias, constelações, perpassadas num momento,
O espaço-tempo se curvará.

Astros bailaram ditosos,
Carinhosa, a Terra beijou o mar.
De repente, aproxima-se a sombra,

Planetas se retraem,
O cosmo, desolado, se resguarda,
Pássaros, sumidos,

Raios, trovões,
Gélida atmosfera se apodera do vazio,
A princesa já não é vista.

O reino inexistente,
Súditos perambulam desvairados,
O não dito, o que restou.
Oráculo, oráculo, onde te guardas?

A PRINCESA

Séculos à sua procura,
Milênios mesmo.
Transpus o infinito
E mais além...

Aglomerados de galáxias,
Superaglomerados,
Uma desvairada busca
A cada universo...

O espaço-tempo
Se curva ainda mais,
E, então, eis que a vejo...

Mas ela
Não me reconhece,
E a perco novamente...



Newton Luís Medeiros Fabrício

Juiz de Direito no RS. Autor do livro *Peleando contra o Poder*
e do site www.peleando.net.

A JUSTIÇA, O JUIZ, A LEI, A VIDA

Há uma história que me ocorreu há 20 anos.

Não há ano que eu não pare pra pensar nela.

Pra saber o que ela me ensina.

Era um sábado mormacento em Dois Irmãos, na encosta da Serra.

O casal (de 60 anos, ele; beirando isso, ela) sesteava.

Os filhos tinham saído.

Menos o guri, de uns 12 anos.

Guri, todo mundo sabe, não sesteia.

A vida é curta, sabe o guri.

Por isso, o piá dava uns bodocaços em passarinhos, pra matá o tempo.

Nisso, vê uma família subindo rápido, a pé, a BR-116, que costeava o sítio dos pais do piá, entre duas curvas.

Mas a família não caminhava junto.

Na frente ia o pai, caminhando ligerito.

Mais atrás, a mãe, tentando acompanhar o marido.

Mais atrás ainda, uns 4 ou 5 guris ranhentos tentando alcançar a mãe.

O piá olhou aquela cena, curioso.

E ficou olhando até que o último guri desapareceu na curva da estrada.

Quando ia voltar a dar bodocaços nos passarinhos, escutou um choro.

Era de uma guria pequena que, sem poder acompanhar a família, recém aparecia na primeira curva, quando a família já desapareça na outra.

O piá ficou um instante sem saber o que fazer.

Então, acordou os pais, que correram pra ajudar a guria.

Botaram a guria dentro da camioneta, pra alcançar a família.

Mas a camioneta estava sem bateria.

Não havia como alcançar a família da guria.

A família, com muitas bocas pra alimentar, tinha resolvido abandonar os filhos pela estrada, à medida que os pais se distanciavam.

A primeira a ficar pelo caminho foi a guria.

Na segunda-feira, aparece o casal com a guria no Forum.

Provisoriamente, deixei com eles.

E disse pra Escrivã entrar em contato com a lista dos interessados em adoção.

Ninguém queria a guria.

Já tinha 5 anos.

Não servia.

Liguei pessoalmente para um casal de Porto Alegre que, na minha forma de ver, era o ideal para a adoção (classe média, nível universitário, sem filhos).

Não quiseram.

Contra a minha vontade, mantive a guria com os velhos.

Que futuro teria a guria, pensava eu, com dois velhos agricultores, sem instrução, e com seis filhos homens?

Passa o tempo.

Um ano, pelo que lembro.

Era o dia da audiência, para a adoção.

Emprestei um papel e um lápis pra guria, pra que ela se distraísse.

O casal de velhos, feliz da vida, me diz que sempre sonharam em ter uma guria.

Terminada a breve audiência, pedi pra guria pra ver o desenho.

Ela me deu a folha de presente.

Era uma casa, com uma guria feliz na janela, e o sol brilhando lá em cima.

IRRITOS

Jogos de palavras irritam.
Paradoxos irritam.
Gays que mudam de voz irritam.
Metidos a homem que engrossam a voz irritam.
Todo mundo que muda a própria voz irrita.
Esconderijos óbvios irritam.
Exibicionismo de gente feia irrita.
Exibicionismo de gente rica irrita.
Erro de português irrita.
Rinite irrita.
Pelo em perereca irrita.
Multidão irrita.
Perceber que a montanha é o lugar irrita.
Excesso de postagens irrita.
Falar sobre o clima em elevador irrita.
Gravata apertada irrita.
Reunião de condomínio irrita.
Salto de sapato irrita.
IPTU, taxas, mediocridade irritam.
Falta de ímpeto irrita.
Falta de ânimo irrita.
Falta de tesão irrita.
Sonolência na vida irrita.
Falta de vida irrita.
Saudade irrita, demais irrita.
Silêncio sepulcral irrita.

Assim como dia de finados também irrita.
Gente que encontra culpas externas: muito irritam.
Calor, sono e fome irritam.
O cotidiano, de um modo geral, irrita.
Existir com consciência, de um modo geral, irrita.
Trabalhar sem amor, de um modo geral, irrita.
Tregar sem intimidade, de um modo geral, irrita.
Beber socialmente, de um modo geral, irrita.
Mulher que só quer viajar e comer camarão pistola, irrita.

Ter que fazer exercício físico, irrita a preguiça.
Mulher que não trabalha pra justificar o amor que sente, irrita
o amor.
Comer alface, barra de cereal e grão de bico, irrita o paladar.
Filas, irritam a paciência.
Café frio, ovo mal cozido e mulher que finge orgasmo,
irritam a expectativa.
A preguiça dos outros, irrita a nossa preguiça.
Trânsito e falta de um vaso pra cagar, irritam a ansiedade.

Gente que não se sabe um milímetro, irrita.
Mulher que quer “sair” pra se “divertir”, irrita.
Garagem apertada irrita.
Falta de química irrita.
Coca sem gás irrita.
Mulher de plástico irrita.
Comida de plástico irrita.
Vidas de plástico irritam.
Jovens que não sabem porra nenhuma, irritam - e a maioria
não sabe porra nenhuma!
Empate nos acréscimos irrita.

Calcinha grande demais irrita.
Errar gol na pequena área irrita.
Manual de aparelho eletrônico irrita.
Economista dando pitaco genérico irrita.

A economia, de um modo geral, é irritante.
A bolsa de valores, de um modo geral e específico, é irritante.
Mulher sem lubrificação ou que exige camisinha, irrita.
Homem com pau semi duro deve ser irritante também.
Bipolaridade e terrorismo juvenil irritam.

Esse povo Emo, irrita.
Esse povo Tosco, irrita.
Esse povo (quase) Todo, irrita.
As moscas, as formigas, os ácaros, irritam.
As pulgas, as goteiras, os sapatos apertados irritam.
As etiquetas de camisa roçando no pescoço, irritam.
As cuecas muito apertadas e as pererecas pouco
apertadas, irritam.

Ônibus com vidro embaçado irrita.
Fedor de peido dos outros irrita.
Ronco alheio irrita.
Canal evangélico de madrugada irrita.
Abstinência sexual irrita.
Distância do que deveria estar perto, irrita.
Prolixos são gente irritante.
Diretos demais são gente irritante.
Nossas próprias porcarias e podridões irritam.
Sexo no sábado de noite, irrita.
Se for com a oficial, irrita mais.
Se for depois da janta, irrita muito.
Se for papai-mamãe, irrita além do espírito santo.

Se esse for o único sexo da semana... aí até a irritação se irrita.

Mulher magra que se acha gorda irrita.

Homem idiota que se acha culto irrita.

Mulher-homem que se acha mulher irrita.

Homem rico que se acha Homem irrita.

Mulher que faz alisamento japonês irrita.

Homem que diz que tem o pau grande irrita.

Fumantes que comem Halls achando que vão ficar
sem bafo, irritam.

Quem come de boca aberta, irrita.

Quem chia tomando chá, irrita.

Quem lê Veja sem culpa, irrita.

Mulher pedindo elogio irrita.

Quem come demais irrita.

Gente que pede pra ninguém se meter na sua vida,
é um carente irritante.

“Você não paga minhas conta pra cuidar da minha vida” -
uma frase irritante.

“Como teu pau é grande” - outra frase irritante.

“OH, OH, OH, AI MEU DEUS DO CÉU, MINHA NOSSA
SENHORA, MEU SÃO BENTO” - orgasmos

Religiosos irritam.

Música sertaneja achar que é música, irrita.

Bêbado vomitando irrita.

Autoridade que acha que ser altera a ordem dos fatores e do
produto, irrita.

Boleiro, político e faxineira...nasceram pra irritar.

Quem quer direitos iguais irrita.

Achar que poesia é sinal de transcendência, irrita.

No fundo, nada irrita mais do que gente irritada.



Ricardo Silvestrin

Poeta, músico, ensaísta, cronista e contista. Integra a banda poETs. Obras mais recentes: *O menos vendido* (poesia), Nankin, 2006, *Play* (contos), Record, 2008, *Transpoemas* (poesia infantil), Cosac Naify, 2008, *A moda genética* (poesia infantil), Ática, 2009, e *O videogame do rei* (romance), Record, 2009.

FARAÓS

foi no Egito
que o homem
cogitou
de se guardar
para o futuro
a múmia
embalsamada
sem seguro
aposta na vida
contra a morte
os faraós
esperam algo
de nós

e nós seguimos
sem atadura
buscando a cura
de tudo aquilo
que nos consome
se a morte
nasce na célula
vamos lá

dentro dela
entremos
pelas entranhas
pra ver em que águas
a morte se banha
examinemos
este recorte
de tecido
do nosso corpo
como se fosse
de outro

e outro
nos tornamos
olhando
pra nós mesmos
outro que tenta
salvar o outro
do infortúnio
capitão
no meio
do naufrágio
enquanto o barco vaza
a água sobe
e o tempo não pára

O HOMEM DAS CAVERNAS

o homem
das cavernas
também sentava
na pedra
olhando pra lua
como você
na esquina
da sua rua
de estrela
em estrela
seus olhos
vagavam
achando
curioso
hostil
bonito
foi assim
que encontrou
dentro de si
o infinito

e do infinito
nasceu o alfabeto
as letras estrelas
na cabeça

tecê-las
em tramas
de palavras
e frases
constelação
de pensamentos
que se fazem
e desfazem
a cada momento
jogo de lego
que logo
vira logos

e do logos
fez-se
um novo mundo
habitado
só pelo homem
cada coisa
com seu nome
a seiva
a selva
o sêmen
tudo mantido
a uma palavra
de distância
quem quiser

falar com o homem
que se apresente
será assim
daqui pra frente
o que não puder
ser nomeado
ficará de lado
esperando
a sua hora
desde o início
até agora

e agora
me dou conta
de quanta coisa
não tem nome
desde que o homem
é homem
essa coisa
que se sente
quando morre
o pai da gente
por mais que se tente
não tem nome que nomeie
é algo lá no meio
entre a palavra
e o sentimento

buraco negro
onde todo o universo
se consome
não há remendo
uma colcha
de estrelinhas
nem palavra
nem frase
entrelinhas

e entrelinhas
há o branco da página
lugar onde repousa
o sentido sem sentido
aquele que veio
antes de tudo
mudo
no meio do mundo
imune a palavras
impenetrável ao pensamento
feito da mesma matéria
com que é feito
o silêncio

e o silêncio
é o companheiro
do homem

seu fiel confidente
escuta suas dores
seus projetos
é para ele
que o homem
fala
e fala
tudo o que sente
o silêncio cala
e consente



Rosa Maria Weber

Ministra do Supremo Tribunal Federal.

PRESSÁGIO

Forasteira aqui, e longe

*(à recusa dos passos
a trilha cessa)*

Em ponto-morto a espera:
o musgo da (des)crença
trinca a imagem

*(entre dentes remoída
a verdade é supérflua)*

Vertigem no poço:
no escuro entreaberto
te pressinto

Brasília, 20.6.2012

INQUIETAÇÃO

“Movido sou por fantasias que se enredam
Ao redor dessas imagens, e a elas se agarram:”

T.S.Eliot (Prelúdios IV).

contemplar os sinais do tempo
olhos pousados na névoa
deixando-se existir

(a noite tarda no amargo da boca)

não breçar
ainda que a febre lacere o grito
e o cansaço extraia do silêncio
o vazio

(o nome se esvai no suspiro)

só então
-vísceras à mostra –
à palavra contida
sucumbir

Brasília, 20.6.2012



Rosana Broglio Garbin

Juíza de Direito no RS. Doutoranda na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa.

DOCE DO MUNDO

A culinária integra a cultura de um país. Pratos típicos guardam o sabor da tradição e servem de transmissores da cultura de um povo pelo mundo. Alguns pratos nunca saem dos limites de sua região, outros ganham o mundo e, por vezes, embora mantenham sua essência, vão se adaptando aos padrões dos locais por onde passam.

Num mundo globalizado e de grande trânsito, o da modernidade, a adoção de hábitos e tradições diversas é mais fácil, e é por isso que hoje encontramos, em qualquer cidade de maior porte, restaurantes japoneses, chineses, australianos, italianos, franceses, árabes, indianos, para lembrar alguns. Sou, contudo, da opinião de que, estando em um país diferente do de origem, deve-se aproveitar os hábitos do local, dentre eles, saborear seus pratos típicos: “*em Roma, como os romanos*”.

Foi assim que, estando na França, não deixei de comer os deliciosos *croissants*. E, certa vez, chamou-me a atenção um doce de cor creme, consistente, com alguns pontos pretos. Perguntei ao atendente que doce era aquele, ao que prontamente respondeu, ou eu assim entendi: - “Risolé” *avec raisins*!

Utilizando-me do meu francês, ainda que um tanto enferrujado, entendi o “avec raisins” como sendo “com passas”, até porque identifiquei as passas de uva em meio ao creme. Já o “risolé” achei que fosse o nome do prato, algo assim como o *tiramisu* italiano ou o *apfelstrudel* alemão.

Prontamente respondi que não conhecia e nunca tinha experimentado aquele doce. Minha alegação gerou grande estranheza ao atendente que questionou: - *Jamais, Madam?!*

Confirmei minha ignorância e tive que encarar o olhar desconfiado do maitre. Resolvi, ali, que teria que experimentar esse doce que parecia ser o mais tradicional doce francês, já que, pelo espanto causado, eu me sentia a única a desconhecê-lo. De volta à mesa, consultei os companheiros; também eles ignoravam o que parecia ser a especialidade do lugar.

Foi então que, ao experimentá-lo, já na primeira bocado, facilmente identifiquei nada mais nada menos que o tradicional doce da minha infância: arroz de leite, ou, como chamávamos, arroz doce – uma simples mistura criada há muitos anos.

A origem desse doce remete aos turcos ou árabes, que o espalharam por todo o mundo. Já ganhou tons de amarelo mais escuro quando feito com açúcar mascavo e de mais claro quando feito com açúcar refinado. Chegou ao Brasil trazido pelos portugueses, e aqui se acrescentou o cravo e a canela, enquanto que em Portugal prefere-se apreciá-lo com um toque suave de limão.

Com vários nomes, diferentes texturas, com maior ou menor requinte, um simples e gostoso doce corre pelo mundo. E causa espanto dizer que não se conhece esse delicado sabor da culinária. Rapidamente compreendi o que tinha sido dito pelo maitre, e que meu ouvido destreinado quanto ao francês não havia percebido: *Riz aux lait*, arroz ao leite. Claro que, no caso, com o toque francês, *avec raisins*.



Túlio Martins

Desembargador, escritor e jornalista. Presidente do Conselho de Comunicação Social do TJRS. Semanalmente publica coluna no espaço “Opinião” do Jornal “O Sul”. Integra o quadro de convidados do programa “Guerrilheiros da Notícia”, na TV Pampa. Co-autor do livro *Português para convencer*. Conselheiro eleito da AJURIS.

SEJA O SENHOR DA TERRA

As cidades antigas – em especial na Grécia e em Roma – tinham identidades absolutamente particulares, apesar de no mais das vezes estarem próximas e falarem o mesmo idioma. Muito mais do que o espaço físico ou as fronteiras políticas que as dividiam, o que de fato estabelecia a diversidade eram os deuses, os cultos, as festividades e as tradições de cada uma. O indivíduo professava a fé de seu local de nascimento e exaltava seus valores, história e heróis, mantendo-se alheio às crenças dos habitantes das localidades vizinhas. Conseqüentemente, a independência de um núcleo urbano em relação aos outros era, acima de tudo, uma questão religiosa, pois a lei derivava, em essência, da religião. É possível concluir que ambos os elementos (urbe e crença), se reforçavam em um ciclo sempre renovado de preservação cultural. Tão intenso era tal processo que as cidades mantinham calendários e moedas próprias, além de festas, celebrações e ritos religiosos absolutamente locais. Os casamentos entre habitantes de localidades diferentes eram proibidos, a menos que entre ambas houvesse algum tratado ou convenção permitindo a união; os limites eram sagrados e intransponíveis, mesmo que não existissem divisores físicos, como rios e montanhas.

Assim, na antiguidade – e em especial para os povos dos mares Mediterrâneo, Adriático e Egeu, originariamente dispersos em clãs e tribos – não havia outra forma de organização social de grandes grupos que não as urbes. Estas, à sua vez, jamais se uniram ou se misturaram: simplesmente

limitavam-se a períodos transitórios de paz e alianças eventuais para derrotar algum inimigo ou explorar territórios. Em caso de guerra os vencedores exterminavam os vencidos e confiscavam terras e bens; contudo, em hipótese alguma estabeleciam um governo único. A população derrotada era morta ou escravizada, mas não incorporada ao povo vitorioso.

Frente a uma sinergia tão intensa entre pessoas, deuses, território e cultura locais, o mito da fundação de uma cidade tornava-se decisivo para seu destino, já que alimentava a tradição e as crenças dos cidadãos; tal ocorreu com o surgimento da sofisticada Atenas – pelas suaves mãos da deusa Palas Athena – e da belicosa e imprevisível Esparta, formada à imagem de Ares, a divindade das guerras cruéis e primitivas. Foi também assim com a culta mas agressiva e imperial Roma, fundada pelos gêmeos Rômulo e Remo, que na lenda teriam sido alimentados e criados por uma loba.

Os mitos foram a gênese das divindades locais e moldaram o caráter das populações, determinando não apenas sua maneira de pensar, mas também valores, costumes, superstições, práticas e dogmas; tal persistiu ao longo de muitos e muitos séculos. O fenômeno perdeu força somente com o surgimento das grandes ordens religiosas e o conseqüente esvaziamento da importância dos ídolos domésticos. Até então o respeito às divindades era tamanho que os antigos ensinavam: “por temor aos deuses, seja o senhor da terra”; ou, dito de outra forma, “defenda seus altares e templos e jamais deixe que outros se aposses de seus costumes e de seu passado”.

As religiões locais geraram as cidades antigas, as governaram e levaram à glória, à riqueza e ao apogeu; depois, dentro do ciclo implacável da vida, desapareceram com elas.

